



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA DA PIEDADE DUARTE PAULINO

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA:
REFLETINDO ACERCA DA DOCÊNCIA**

CAMPINA GRANDE – PB
Novembro – 2019

MARIA DA PIEDADE DUARTE PAULINO

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA:
REFLETINDO ACERCA DA DOCÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Francisca Pereira Salvino.

CAMPINA GRANDE – PB
Novembro – 2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P328e Paulino, Maria da Piedade Duarte.
Estágio supervisionado no Programa de Residência Pedagógica [manuscrito] : refletindo acerca da docência / Maria da Piedade Duarte Paulino. - 2019.
58 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Francisca Pereira Salvino, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Ensino-aprendizagem. 2. Formação docente. 3. Residência Pedagógica. 4. Estágio supervisionado. I. Título
21. ed. CDD 371.225

MARIA DA PIEDADE DUARTE PAULINO


**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA:
REFLETINDO ACERCA DA DOCÊNCIA**

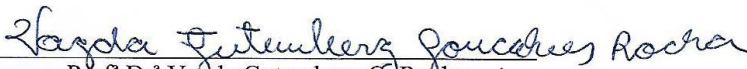
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

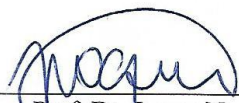
Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 21/11/2019.

BANCA EXAMINADORA


Profª Drª Francisca Pereira Salvino (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª Drª Vagda Gutemberg Rocha
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe por todo apoio, dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele em minha vida nada seria possível.

Ao meu pai, Bráz Paulino (*in memoriam*), quando presente fisicamente me incentivou a estudar e ir em busca de meus sonhos. Embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força e me motivando a nunca desistir, mesmo em meio às dificuldades.

À minha mãe, Elza Duarte Paulino, que juntamente com meu pai sempre me incentivou a estudar, por acreditar que a educação é capaz de transformar a realidade social do indivíduo. Após a morte do meu pai, permaneceu ao meu lado me dando forças e motivando a não desistir dos meus objetivos.

Aos meus irmãos, José Antônio, Damião, Cícero e irmãs, Maria José e Maria de Fátima, por todo apoio e entender minha ausência em diversos momentos em família.

À minha colega de classe, de residência pedagógica e amiga, Evely Santos Palhano, por toda amizade e companheirismo. Apesar de termos nos aproximado na metade do curso, sempre estamos ao lado uma da outra, nos momentos de alegria e, principalmente de dificuldades.

Às minhas amigas e colegas de classe, Juliana Soares, Kátia Luna e Jucyanne Oliveira, pelos momentos de amizade, conversas, apoio e pela parceria nos trabalhos em grupo, desde o início do curso. Quando uma precisa, as demais estão sempre ali, principalmente, para compartilhar as conquistas uma das outras.

Às minhas também amigas e colegas de curso Karla Regiane, Renata Kelly, Larissa Santos e Maria Sônia, Fernanda Araújo, por todo apoio, muitas vezes, mesmo sem saberem me motivaram nos momentos em que não me sentia capaz.

À Marta Martins, amiga e colega de sala, por todo o companheirismo e apoio, quando me sentia triste e incapaz lembrava de nossas conversas e tudo mudava, sempre se mostrou preocupada comigo e com minha mãe (mesmo sem conhecê-la). São os gestos que ficam e sempre serão lembrados com muito carinho.

À professora Teresa Cristina (hoje aposentada), por todos os ensinamentos e a troca de experiência conosco durante suas aulas. Uma pessoa que sempre falava com muito orgulho e encantamento acerca dessa profissão tão bela, porém, tão desvalorizada. Ela me motivou e me mostrou que, apesar de todas as dificuldades da profissão, é possível sim, transformar realidades e buscar fazer a diferença na educação.

À minha orientadora Prof^a Dra^a Francisca Salvino, por toda dedicação durante a construção desse trabalho e ao longo da graduação. Estudei com ela em quatro componentes curriculares (sendo uma eletiva) e também estivemos juntas no Programa Residência Pedagógica, sendo ela a coordenadora do referido programa no curso de Pedagogia.

À Soraya e Glória, coordenadoras do curso de Licenciatura em Pedagogia, por todo empenho durante o curso.

À Prof^a Dra^a Vagda Rocha e ao Prof Dr Juarez Lins, por aceitarem o convite e pelas valiosas contribuições.

Educar é empoderar. Não é tanto ensinar quanto reencantar. Ou melhor, ensinar, nesse contexto, é reencantar, despertar a capacidade de sonhar, despertar a crença de que é possível mudar o mundo. Essa profissão, por isso, é insubstituível. Não podemos imaginar um futuro sem ela.
(GADOTTI)

RESUMO

Este trabalho resulta do relatório de Estágio Supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/*campus* de Campina Grande), realizado por meio do Programa de Residência Pedagógica (PRP) do Ministério de Educação (MEC), promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). Especificamente, foram analisadas as atividades realizadas no período de 30/02/2019 a 03/06/2019, relativas ao momento de imersão das residentes em uma das três escolas onde o Programa encontra-se em desenvolvimento. Tem como objetivo relatar e analisar a experiência de uma residente numa Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental, realizada em Queimadas/PB, em uma turma do 5º ano. A metodologia utilizada é resultado de uma pesquisa qualitativa nos moldes da pesquisa-ação. Os processos de ensino e aprendizagem são complexos e envolvem diversos aspectos que podem influenciar a formação dos alunos de maneira tanto positiva, quanto negativa. Há uma tendência a se atribuir a responsabilidade pelos aspectos negativos ou insucesso dos processos ao professor, mesmo ele não sendo o único responsável. Para o sucesso da aprendizagem do aluno, é necessário que haja uma parceria entre família e escola com equipes multidisciplinares, capazes de atuar mediante os diferentes problemas que a realidade educacional brasileira apresenta, dentre os quais destacamos: políticas educacionais equivocadas ou ineficientes; condições de pobreza da maioria dos alunos; condições precárias das escolas e de trabalho dos profissionais; formação docente inadequada, mediante às realidades das comunidades escolares e redes de ensino, dentre outros.

Palavras-Chave: Ensino-aprendizagem. Formação docente. Residência Pedagógica. Estágio.

ABSTRACT

This work results from the Supervised Internship report in the early years of the elementary school of the Pedagogy course at Universidade Estadual da Paraíba (UEPB / campus Campina Grande), carried out through the Programa de Residência Pedagógica (PRP) [Pedagogical Residency Program] of the Ministério de Educação (MEC) [Ministry of Education], promoted by the Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) [Higher Education Personal Improvement Coordination]. Specifically, the activities carried out from 02/30/2019 to 06/03/2019, related to the immersion moment of interns in one of the three schools where the program is under development, were analyzed. It aims to report and analyze the intern's experience in a Municipal School of Elementary Education, held in Queimadas / PB, in a 5th grade class. The methodology used is the result of a qualitative research along the action research lines. The teaching and learning processes are complex and involve several aspects that can influence the formation of students in the most positive and negative way. There is a tendency to attribute responsibility for the negative aspects or failure of the processes to the teacher, even though he is not solely responsible. For the success of student learning, it is necessary to have a partnership between family and school with multidisciplinary teams, capable of acting through the different problems that the Brazilian educational reality presents, among which we highlight: wrong or inefficient educational policies; poverty conditions of most students; precarious conditions of schools and of working ; inadequate teacher training through the realities of school communities and education networks, among others.

Keywords: Teaching-Learning. Teacher training. Pedagogical Residency. Internship.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	REFLETINDO ACERCA DOS PROCESSOS E DOS AMBIENTES FORMATIVOS.....	12
	1.1 A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA.....	12
	1.2 FORMAÇÃO DOCENTE E ESTÁGIO.....	14
	1.3 PLANEJAMENTO ESCOLAR.....	16
	1.4 QUESTÕES CURRICULARES: INTERDISCIPLINARIDADE E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO.....	18
2	METODOLOGIA E CAMPO EMPÍRICO.....	21
	2.1 MÉTODO DA PESQUISA-AÇÃO.....	21
	2.2 CAMPO EMPÍRICO E PERFIL DOS PROFISSIONAIS.....	22
3	FORMAÇÃO, PLANEJAMENTO E IMERSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR.....	26
	3.1 CONTINUIDADE DA FORMAÇÃO.....	26
	3.2 PLANEJAMENTO NA ESCOLA-CAMPO.....	30
	3.3 PRIMEIRA ETAPA DA IMERSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA.....	32
	3.4 SEGUNDA ETAPA DA IMERSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: REGÊNCIA DE CLASSE.....	38
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45
	APÊNDICES.....	49
	ANEXOS.....	57

INTRODUÇÃO

Os processos de ensino e aprendizagem exigem um trabalho complexo e cada dia mais a responsabilidade pelo sucesso/fracasso escolar recai sobre o professor, que precisa refletir e reinventar constantemente sua prática, porém, ele não deve ser considerado o único responsável por estes. Há muitos aspectos que influenciam os processos educativos, por exemplo, contexto social e familiar; condições da escola e de trabalho dos profissionais; os referenciais teóricos; metodologias; o tempo de aprendizagem do aluno; além da própria formação inicial e continuada dos profissionais, entre outros.

No tocante à formação profissional, o Estágio Supervisionado é um componente curricular, considerado muito importante para a formação inicial do professor, pois é através dele que o licenciando põe em prática os “aprendizados” adquiridos na Universidade e se familiariza com a prática docente, por meio da observação do trabalho do professor no dia a dia. Nessa perspectiva, acreditava-se que um dos meios para se tornar professor consistia na aquisição de teorias nas aulas teóricas e das técnicas de ensino no estágio, que até hoje ainda consiste em observação e regência de classe. Essa é uma questão muito polêmica, porque o estágio, nos moldes em que se configura, não é capaz de preparar os estudantes de licenciatura para o trabalho, tendo em vista que não há uma sistemática de trabalho interativo entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as escolas campo de estágio, portanto, não há uma continuidade, uma articulação nessas etapas da formação. Gatti e Barreto (2009), em estudo sobre a formação de professores no Brasil, chega às seguintes conclusões, dentre outras: I) os currículos não se voltam para as questões ligadas ao campo da prática profissional, seus fundamentos metodológicos e formas de trabalhar em sala de aula; II) os currículos continuam a privilegiar preponderantemente os conhecimentos da área disciplinar em detrimento dos conhecimentos pedagógicos propriamente ditos; III) os estágios, que são obrigatórios, mostram-se fragilizados, constam nas propostas curriculares sem planejamento e sem vinculação clara com os sistemas escolares, e sem explicitar as formas de sua supervisão.

Objetivando rever e aprimorar essa formação, o Ministério de Educação (MEC), através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), criou o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) em 2002 e o Programa de Residência Pedagógica (PRP) em 2018. Para aprofundar as reflexões acerca dessa formação, este trabalho tem como objetivo relatar e analisar a experiência de uma estagiária no Programa de Residência Pedagógica (PRP), numa escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental de Queimadas/PB, em uma turma do 5º ano. Como objetivos específicos, buscamos: analisar as

contribuições de mesas temáticas oportunizadas pelo Programa durante um dos cursos de formação e preparação para o estágio docente; identificar e analisar conteúdos e metodologias utilizadas pela professora; investigar a influência destes no processo de ensino e aprendizagem; refletir acerca do papel do Estágio Supervisionado na formação docente. Adotamos como aporte teórico os estudos de Gadotti (2011), Freire (1996), Gatti e Barreto (2009), Silveira, Silva, Freire e Castro (2016), Souza e Souza (2014), entre outros.

Este trabalho consiste em pesquisa qualitativa com procedimentos da pesquisa-ação, da qual resulta um relato de experiência acerca do estágio supervisionado no período de 30/02/2019 a 03/06/2019. Está organizado em três capítulos. No primeiro é apresentada a fundamentação teórica, abordando a função social da instituição escolar, bem como suas mudanças ao longo do tempo; o planejamento escolar; a formação docente e estágio; e o currículo interdisciplinar. No segundo é abordada a metodologia e a escola campo da experiência relatada, trazendo uma contextualização acerca da instituição, bem como o quadro de profissionais que dela fazem parte e os sujeitos envolvidos nesse processo. O terceiro descreve e analisa os dados do Estágio Supervisionado por meio do Programa Residência Pedagógica, enfatizando o curso de preparação, o processo de imersão na escola, dedicados à observação e à regência de classe. Ao final dos capítulos são apresentadas as conclusões da pesquisa.

1 REFLETINDO ACERCA DOS PROCESSOS E DOS AMBIENTES FORMATIVOS

1.1 A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

A função social da escola é um dos temas mais frequentes em debates relacionados nos estudos educacionais, uma vez que vivemos em um período de mudanças e a todo momento essa questão entra em discussão. Em determinados momentos históricos, as mudanças nas relações que os indivíduos estabelecem com a sociedade saem do controle da escola porque ela não acompanha as mudanças que ocorrem em seu entorno, bem como no contexto social em geral.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9394/96, traz em seu Art. 1º, a finalidade da educação, estabelecendo que

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 2017).

Diante disso, percebemos que a educação não ocorre apenas na escola, mas em todos os âmbitos em que os indivíduos estão inseridos, tendo em vista que as relações interpessoais são essenciais para a construção de novos conhecimentos.

A história mostra que a preocupação com a educação surgiu das camadas privilegiadas da população e esteve presente nas primeiras formas de escolarização, tanto em Roma, como na Grécia antiga. Na Idade Média, foram criadas universidades e o ensino passou a organizar-se em instituições específicas, porém, só tinham acesso pessoas advindas de famílias abastardas. Um fato importante para modificar isto foi a Revolução Francesa, que colaborou para romper com essas barreiras educacionais e a alcançar avanços significativos. A partir de então, passou a perseguir o ideal de uma educação para todos, o que já foi alcançado em uma parcela de países como França, Alemanha, Finlândia, Japão e outros. Entretanto, em pleno século XXI, isso ainda não é realidade para grande parte da população mundial, principalmente para as camadas populares, como acontece no Brasil.

Diante da importância da educação como um processo de humanização, no qual o indivíduo se apropria da cultura historicamente construída e que é materializada no âmbito

escolar, a Constituição Federal Brasileira traz no Art. 205, a educação como um direito social fundamental, definindo que

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2012¹).

É importante ressaltar que direitos implicam em deveres, por isso, no caso do direito à educação, há deveres por parte do Estado, no que se refere à garantia de condições para sua efetivação e por parte da família, ao acesso e permanência dos sujeitos na escola. Na maioria das vezes, isso se torna uma tarefa muito complicada, tendo em vista que nem todas as famílias têm condições financeiras para garantir a permanência de seus filhos na escola, assim eles têm que trabalhar para garantir o sustento familiar e não tem tempo e condições para dedicar-se aos estudos.

A função da educação escolar também é propiciar o exercício da democracia e a formação da cidadania, direcionando o processo de apropriação e produção dos conhecimentos na busca de uma sociedade mais justa e humana. De acordo com Mendonça (2009, p. 9), “a ação educativa da escola, ao promover uma consciência da realidade humana e social, proporciona ao aluno uma visão mais reflexiva e crítica da sociedade”. Desse modo, sendo a educação, em sentido amplo, apropriação da cultura, esta é entendida como condição fundamental para a formação integral do ser humano. É por meio dela que o indivíduo pode tornar-se crítico, reflexivo, produtivo e transformador, sendo capaz de compreender as relações humanas, interagindo com elas e construindo coletivamente melhores condições de vida, o que implica compreender a educação como um processo de humanização para o bem comum.

Nessa perspectiva, o caráter histórico-cultural da educação entende a escola como um espaço privilegiado para a efetivação do processo educativo. Diante das concepções apresentadas, é necessária a reflexão sobre a seleção e a organização do conhecimento, o que se ensina na escola e para que se ensina, e que os conhecimentos aprendidos na escola possam ser utilizados no contexto social em que o indivíduo está inserido e ele possa relacionar no cotidiano o que aprende na instituição escolar. É importante dar um sentido ao aprendizado e para que os alunos internalizem essas contribuições, é necessário que os conteúdos tenham

¹ A sétima Constituição Brasileira foi promulgada em 1988, mas nesse trabalho foi utilizada a 35 edição, de 2012.

significados e não sejam ministrados apenas porque fazem parte do currículo, devemos sempre ressaltar seu valor social, relacionando-os com o cotidiano dos estudantes.

A educação é um agente privilegiado para promover as mudanças que tornem os seres humanos mais justos e a sociedade mais pacífica e harmoniosa. Por esse motivo, o educador não pode ser entendido como o simples transmissor de conhecimentos e informações. A educação não deve ser voltada apenas para a dimensão cognitiva do indivíduo, deve considerar o ser humano em sua plenitude e buscar sua formação integral, cognitiva, afetiva, física, social, espiritual e ética.

1.2 FORMAÇÃO DOCENTE E ESTÁGIO

A formação docente vem sofrendo algumas transformações ao longo dos anos, o que é normal, tendo em vista que a sociedade também muda e, conseqüentemente, a educação também deve ser aprimorada, de modo que todos os indivíduos, independentes de suas características e dificuldades, possam aprender e se inserir efetivamente no contexto escolar.

Conforme Gatti e Barreto (2009), antes da LDB/1996, a formação dos professores foi norteada pelas Leis nº 4.024/1961, 5.540/1968, 5.692/1971 e 7.044/1982. De acordo com essa legislação, durante quase todo o século XX, os professores para os primeiros anos de escolarização foram formados em Escolas Normais e para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio, a formação deveria ser ofertada pelas Universidades, através das licenciaturas. Com a reformulação da Lei nº 5.692/1971, o ensino básico foi dividido em 1º grau (primário e ginásial) e 2º grau (cursos técnicos e científicos). Ainda segundo as autoras, a educação era voltada à profissionalização dos estudantes. Dentre os cursos, encontrava-se o Magistério, que formava o professor polivalente e a Escola Normal foi extinta. Em 1986, o Conselho Federal de Educação aprovou o parecer que reformulou o curso de Pedagogia, facultando aos professores a formação para atuar de 1º a 4º série. Os anos iniciais, atualmente denominados de Educação Infantil, continuaram sendo ministrados por professores advindos da escola normal.

A publicação da LDB/1996 trouxe propostas de alterações para as escolas e cursos de formação de professores, tendo um determinado período para que sua implantação fosse efetivada. A LDB no Art. 62, estipula a formação de nível superior para todos os níveis da educação básica, desde a educação infantil. Portanto, gradativamente, pretendia-se que não

mais fosse permitida a presença de pessoas apenas com o Magistério para tais cargos. Contudo, as políticas de formação docente adotadas a partir de então não atenderam a esta demanda devidamente e, ainda, encontra-se um elevado número de professores de educação básica sem formação em nível superior. Muitas pessoas que não são graduadas em Pedagogia atuam como professores na educação infantil (creches e pré-escola) e nos anos iniciais da escolarização fundamental (primeiro a quinto anos).

Mesmo com a oferta da formação de professores pelas Universidades, cabe a cada profissional buscar meios de aperfeiçoamento da sua prática, através de especializações e cursos sobre temas atuais na realidade escolar, de modo que busque fazer sempre o melhor trabalho com os alunos, principalmente na sociedade atual, que está sempre em transformação. Todos os dias surgem novidades, os alunos estão inseridos nesse meio e ao chegarem à sala de aula se deparam, muitas vezes, com metodologias e professores distantes da sua realidade.

Os componentes básicos do currículo de Pedagogia (PARAÍBA, 2016) dividem-se em dois eixos organizativos que se relacionam e se complementam: I) básico comum - educação e sociedade; II) básico específico - docência na educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e gestão educacional. Dentre os diversos componentes curriculares encontram-se os estágios supervisionados, que possibilitam a inserção dos estudantes no contexto escolar, bem como conhecer a realidade de diversas instituições, considerando que cada escola tem suas particularidades e metodologias. No referido Curso encontram-se cinco estágios: Estágio Supervisionado em Gestão Educacional I e II; Estágio Supervisionado em Educação Infantil e Estágio Supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental I e II, compondo um total de 400 horas de atividades.

Pimenta e Lima (2004, p. 56) defende que “o estágio prepara para um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais”. O estágio deve preparar os estudantes de licenciatura para o trabalho em grupo, considerando que nas instituições escolares o trabalho é desenvolvido em conjunto, pois não há como ter sucesso no ensino e aprendizado se ele for realizado isoladamente.

Atualmente, em muitas instituições, a disciplina é mais realizada para cumprir a burocracia, observar o trabalho do professor e, posteriormente, colocar em prática as mesmas ações do profissional. Como analisa Gatti e Barreto (2009, p. 153),

Os estágios, obrigatórios, são registrados de modo vago, com pouquíssimas exceções. Não há propriamente projeto ou plano de estágio, nem sinalizações sobre o campo de prática ou a atividade de supervisão dos mesmos. Uma observação final: a escola, enquanto instituição social e de ensino, é elemento quase ausente nas ementas, o que leva a pensar numa formação de caráter mais abstrato e pouco integrado ao contexto concreto onde o profissional-professor vai atuar.

Ainda que haja um consenso quanto à relevância dos estágios supervisionados obrigatórios, há a urgência de que sejam revistos, aperfeiçoados, adaptados às novas demandas da sociedade e da educação, mediante suas próprias e históricas deficiências. Mas, também, mediante às mudanças associadas a uma possível quarta revolução industrial, que vem impondo a todos novos modos de inserção no mundo trabalho, de educação, de acesso ao conhecimento e à informação, de convivência e de pensar. Ou fazemos isto ou, talvez, sejamos “engolidos pela quarta onda”².

1.3 PLANEJAMENTO ESCOLAR

Planejar é algo indispensável no âmbito escolar, uma vez que se trata de atividade intencional, cujos resultados devem ser previstos antecipadamente e os meios para alcançá-los necessitam ser cuidadosamente selecionados e utilizados, bem como devidamente avaliados e replanejados. Sem isto as atividades desenvolvidas na instituição podem não fluir ou ficarem condicionadas ao espontaneísmo ou ao acaso. Todas as tarefas a serem realizadas devem ser planejadas e organizadas com antecedência, sendo necessário também pensar e organizar atividades extras, para o caso de ocorrer algum imprevisto e o planejamento precisar ser mudado. Desse modo,

O planejamento escolar inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo

² Fase do capitalismo que sucede a Terceira Revolução Industrial. Também denominada de Indústria 4.0, trata-se de uma tendência à automatização total das fábricas. Seu nome vem, na verdade, de um projeto de estratégia de alta tecnologia do governo da Alemanha, trabalhado desde 2013 para levar sua produção a uma total independência da obra humana. A automatização acontece através de sistemas ciberfísicos, que foram possíveis graças à internet das coisas, à computação na nuvem e à robótica (PERASSO, 2016).

de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação. (CONCEIÇÃO, SANTOS, SOBRINHA, OLIVEIRA, 2016, p.4).

Nessa perspectiva, planejar é estabelecer os objetivos a serem alcançados e as metodologias devem ser escolhidas pelo professor em acordo com os estudantes, conforme conhecimento prévio da turma, que permita identificar potencialidades, avanços e dificuldades que os alunos apresentam. O planejamento não pode e não deve ser feito antes de conhecer os alunos e deve ser exclusivo de cada turma, pois cada uma possui suas especificidades e, muitas vezes, os professores utilizam o mesmo planejamento para diferentes turmas e esperam que o resultado seja o mesmo.

É importante frisar que o planejamento deve ser flexível e, se necessário, deve sofrer mudanças, caso se perceba que houve algum equívoco ou inadequação à turma ou à realidade. A avaliação é um componente importante do planejamento e está interligada a ele. Ao planejar, o docente deve estabelecer qual será o objeto e os critérios utilizados para avaliar o desempenho dos discentes. Desse modo, é pertinente ressaltar que

Todo ser vivo aprende na interação com o seu contexto: aprendizagem é relação com o contexto. Quem dá significado ao que aprendemos é o contexto. Por isso, para o educador ensinar com qualidade, ele precisa dominar, além do texto, o “com-texto”; além de um conteúdo, o significado do conteúdo que é dado pelo contexto social, político, econômico, histórico do que ensina (GADOTTI, 2011, p. 61).

O contexto é essencial para a aprendizagem, tendo em vista que é por meio dele que os alunos vão identificando e relacionando os novos aprendizados com os passados e com as observações feitas em seu cotidiano recente. Essa interação ocorre por meio dos sentidos (Visão, olfato, tato, audição e paladar). É importante que o professor não perca de vista o fato de que sua interação com a criança tem um objetivo específico, que é possibilitar-lhe a apropriação do conhecimento formal. Isto só pode ser realizado pela ampliação de conceitos e transformação de significados que a criança traz de suas experiências escolares e não escolares, no decorrer dos anos.

Existem diferentes formas de adquirirmos conhecimento, podendo ser por meio da interação com o outro, da relação que fazemos com o conteúdo, das vivências cotidianas. Para além da responsabilidade de apropriar-se de conteúdos teórico-metodológicos para ministrar aulas, o futuro docente deve construir formas de compreensão e relação com o meio social,

político, econômico e cultural, bem como habilidades e valores que o qualifique a intervir na formação dos estudantes, portanto, na formação de cidadãos para a vida em sociedades.

1.4 QUESTÕES CURRICULARES: INTERDISCIPLINARIDADE E TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO

Para iniciar a discussão acerca do currículo interdisciplinar, faz-se necessário conceituar e discutir currículo.

O conceito de currículo desde seu uso inicial, representa a expressão e a proposta da organização dos segmentos e fragmentos dos conteúdos que os compõem; é uma espécie de ordenação ou partitura que articula os episódios isolados das ações, sem a qual esses ficariam desordenados, isolados entre si ou simplesmente justapostos, provocando uma aprendizagem fragmentada (SACRISTÁN, 2013, p. 17).

Por ser um termo bastante amplo, que envolve diversos aspectos na educação, podemos dizer que o conceito de currículo não é algo restrito a conteúdos a serem desenvolvidos e aplicados em sala de aula. É através do currículo que acontece uma organização do conhecimento escolar em todos os sentidos. Deve ser definido de acordo com as suas exigências e necessidades, bem como construído socialmente, pressupondo a sistematização dos meios necessários para que essa construção se efetive, por envolver diversos aspectos, desde os conteúdos a serem disseminados em sala até questões culturais ligadas à sociedade.

Diferentemente do que podemos pensar sobre currículo, não se trata de algo fixo, mas algo sempre em processo de resignificação, ou seja, o currículo está sempre sendo construindo e reconstruído de acordo com às necessidades da sociedade, por intermédio de todos aqueles que compõem o ambiente educacional, sempre no intuito de melhorá-lo, mas nem sempre conseguindo. Para que ocorra construção de conhecimento, faz-se necessário levar em conta uma série de fatores, como por exemplo, conhecer a realidade, suas necessidades e diferenças, buscando meios para que esse conhecimento atinja o máximo de pessoas em uma sociedade.

Numa perspectiva interdisciplinar, o currículo deve ser efetivado a partir de três princípios básicos: articulação da comunidade escolar com a realidade, ou seja, partir de temas/questions da realidade; articulação entre os participantes do projeto educativo e destes

com outros estudantes, profissionais e pessoas da comunidade; articulação entre os saberes. Os conteúdos devem estar interligados e para que isso ocorra é necessário (como sempre) que os professores trabalhem em conjunto com os estudantes, visando o sucesso no aprendizado de seus alunos.

Acreditamos que a interdisciplinaridade em sala de aula contribui positivamente para o processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que a proposta de currículo interdisciplinar é mais dinâmica e interativa, o que pode e deve motivar os alunos a estudarem e assimilarem os conteúdos mais facilmente, considerando que eles fazem a relação dos conteúdos entre as diversas disciplinas e com a realidade em que estão inseridos. Contudo, a interdisciplinaridade só é possível quando a escola promove o diálogo e estimula o aluno a ir além dos conteúdos que são ministrados em sala de aula. Estes são pontos essenciais para que ocorra o desenvolvimento de um currículo interdisciplinar. Isto ocorre porque

[...] interdisciplinaridade é o movimento (inter) entre as disciplinas, sem a qual a disciplinaridade se torna vazia; é um ato de reciprocidade e troca, integração e vôo; movimento que acontece entre o espaço e a matéria, a realidade e o sonho, o real e o ideal, a conquista e o fracasso, a verdade e o erro, na busca da totalidade que transcende a pessoa humana. Creio que a interdisciplinaridade leva o aluno a ser protagonista da própria história, personalizando-o e humanizando-o, numa relação de interdependência com a sociedade, dando-lhe, sobretudo, a capacidade crítica no confronto da cultura dominante e por que não dizer opressora, por meio de escolhas precisas e responsáveis para a sua libertação e para a transformação da realidade. (FAZENDA, 2008, p. 165).

Nessa perspectiva, de interação e reciprocidade, o currículo interdisciplinar pode despertar os alunos para serem críticos, reflexivos e adquirirem autonomia para buscarem seus objetivos. Dessa forma, a interdisciplinaridade deve estar presente não apenas na escola, como também em todos os lugares em que o indivíduo está inserido. Para estabelecer essa relação é importante, primeiramente, identificar o lugar que cada disciplina ocupa no currículo. A interdisciplinaridade é uma ação que deve estar vinculada aos sujeitos, e conseqüentemente às interações sociais, dessa maneira, o indivíduo deixa de ser visto de forma fragmentada e passa a ser percebido em sua totalidade, revelada pelos conhecimentos adquiridos.

Outro tema relevante no campo do currículo são as Tecnologias de Informação (TI). Quando tratamos de tecnologias por exemplo, muitos professores, se não a maioria deles, afirmam que não utilizam essa ferramenta em seu favor e dos seus alunos. Pelo contrário, são contra o uso delas em sala de aula, proibindo uso de celulares, por exemplo. Não estimulam

seus alunos a utilizarem a internet de modo que favoreça o aprendizado, e não mostram que a internet pode e deve ser utilizada para além das redes sociais. Nessa perspectiva,

A internet é uma mídia que deve ser trabalhada no espaço escolar, porém muitos docentes temem seu uso, já que as buscas podem gerar dúvidas e descobertas que não se limitaram no material didático, mas é nas contradições que o sistema educacional deve apontar caminhos para que esta tecnologia seja uma ferramenta de ensino e aprendizado para os sujeitos que dela fizerem uso. (SILVEIRA, SILVA, FREIRE, CASTRO e PEREIRA, 2016, p. 414).

Mesmo que as tecnologias não sejam desenvolvidas para fins pedagógicos, quando o professor as utiliza, ele tem grandes chances de alcançar seus objetivos pedagógicos e os alunos têm mais possibilidades de aprender. Nesse sentido, é indispensável que o professor reflita sobre sua prática e analise se seus objetivos estão sendo alcançadas de maneira satisfatória, caso contrário, ele precisa rever suas metodologias, de modo que envolva todos seus alunos.

2 METODOLOGIA E CAMPO EMPÍRICO

2.1 MÉTODO DA PESQUISA-AÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa nos moldes da pesquisa-ação, que consiste em analisar determinada realidade, refletindo acerca das tomadas de ações, buscando por meio desses elementos soluções que sejam capazes de resolver ou, pelo menos, amenizar os problemas identificados durante a pesquisa.

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhoria da sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito as prática quanto da própria investigação. (TRIPP, 2005, p. 245-246).

Simultaneamente, à investigação, ocorre o planejamento acerca das ações que devem ser realizadas, nesse caso no campo educacional, em busca de uma mudança nas atitudes e ações dos profissionais em sala de aula. É uma reflexão sobre a prática do professor, porém não é apenas identificar as falhas, é essencial agir de modo adequado para melhorar o aprendizado dos alunos, visto a ação aliada à pesquisa.

A pesquisa-ação também pode e deve ser realizada pelos próprios profissionais no âmbito escolar, pois através dela muitos aspectos podem ser modificados. O aprendizado será significado, tanto para o professor quanto para os alunos, tendo em vista que a autorreflexão é indispensável em todos os contextos sociais e no âmbito educacional não é diferente.

Nos moldes da pesquisa-ação, este texto relata e analisa as observações e as intervenções mais relevantes destacadas durante a vivência de estágio supervisionado, em uma escola municipal da rede pública no município de Queimadas/PB por meio do PRP no Curso de Pedagogia da UEPB. Vivências essas que contribuíram de forma significativa para minha formação inicial, enquanto estudante do Curso de Pedagogia da UEPB.

O Programa no Curso de Pedagogia da UEPB é composto por 24 residentes, 3 preceptoras (uma de cada escola) e uma coordenadora. Contempla duas escolas no município de Campina Grande e uma no município de Queimadas. Em cada escola ficaram 8 residentes, divididas em dois dias (4 em cada dia). No período de observação ficavam as quatro ao mesmo tempo na sala de aula, porém, ao iniciar o período de regência, fomos divididas em

duplas. Ao iniciar a regência, cada dupla ficou responsável por ministrar uma disciplina por dia.

As atividades de que tratam este trabalho foram desenvolvidas no período de 30 de janeiro a 03 de junho de 2019, organizadas em três etapas: I) Período de observação da prática da professora em sala de aula, à semelhança do estágio obrigatório no qual há um tempo destinado às observações, com o objetivo de nos preparar para o período de regência, presenciando como se dá a gestão da aula, bem como as metodologias utilizadas pela professora; II) Planejamento com a preceptora, com a qual as estagiárias têm acesso aos conteúdos a serem ministrados nas aulas, de modo que cada disciplina fosse contemplada, ou seja, cada dupla de residentes ministram conteúdos das disciplinas dos anos iniciais do ensino fundamental; III) Regência de classe, na qual são vivenciados o que estudamos na Universidade e as observações das aulas da preceptora. A observação e a regência foram realizadas em uma turma do 5º ano, composta por 15 alunos, no turno da tarde.

2.2 CAMPO EMPÍRICO E PERFIL DOS PROFISSIONAIS

A instituição campo de estágio é uma Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental, localizada no município de Queimadas/PB, tendo como ponto de referência uma serra, ao lado das pedras dos Três Reis Magos, “antes do cemitério novo”. Essa localização coloca a escola numa área de periferia, pobreza e discriminação dos seus estudantes, por essa razão, a comunidade vem se empenhando para habituar os moradores a se referirem à escola pelo seu nome próprio e não pela alcunha de “Escola do pé da serra”, que soa como pejorativo para algumas pessoas.

A Escola campo de estágio foi fundada em 1983, na gestão do prefeito Sebastião de Paula Rêgo. Na época em que iniciou as atividades, a instituição funcionava em dois turnos (manhã e tarde), apenas com a educação infantil e o ensino fundamental I. Atualmente funciona nos três turnos, dividindo-se da seguinte forma: turmas do infantil e fundamental I no turno da manhã e tarde e Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite. Em 2012, a instituição foi reformada e ampliada.

Segundo a coordenadora pedagógica e a preceptora, a Escola ainda não possui projeto pedagógico. Por isso, é importante que a história da instituição seja passada de geração para geração, e a equipe escolar, alunos e familiares conheçam esse histórico, tendo em vista que se não for disseminado, futuramente será esquecido e ninguém saberá porque a escola recebeu

esse nome, quais foram os primeiros professores, quais turmas eram atendidas antigamente, porque a Escola foi construída naquela comunidade, dentre outros aspectos relevantes para sua história.

De acordo com Xavier (2009),

A História Oral é considerada como fonte identitária de um povo, capaz de retratar as realidades, as vivências e os modos de vida de uma comunidade em cada tempo e nas suas mais variadas sociabilidades. Esse tipo de fonte não só permite a inserção do indivíduo, mas o resgata como sujeito no processo histórico produtor de histórias e feitos de seu tempo. (XAVIER, 2009, p. 2).

A história dessa escola é transmitida oralmente, sendo esta uma ferramenta muito utilizada, pois resgata através da memória, as vivências de uma comunidade.

O Projeto Pedagógico da instituição está em construção, assim como as demais escolas municipais de Queimadas que ainda não têm o documento. Estão sendo realizadas reuniões com a equipe pedagógica para a elaboração do documento. Por essa razão, foi complicado conseguir informações sobre o histórico da instituição, apenas uma funcionária da escola, que trabalha lá desde a fundação soube informar detalhes. Ela trabalha no turno da manhã e não se encontrava no momento da conversa com a diretora. Uma professora do turno da tarde tinha esses dados em seu caderno de planejamento e nos cedeu as informações básicas acerca da história da instituição.

A escola é de pequeno porte (Ver fotos 1 nos anexos), está dividida em seis (6) salas de aula; uma (1) sala de computação; um (1) banheiro para professores/as; um (1) banheiro para alunos, um (1) banheiro para alunas; uma (1) cozinha; uma (1) diretoria/secretaria e uma (1) sala utilizada para guardar materiais diversos. A instituição não dispõe de uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Não tem refeitório e os alunos lancham na própria sala de aula, sendo liberados para pegar a comida por turma e pela faixa etária (dos menores para os maiores). Os alunos têm 20 minutos de intervalo, que é realizado separadamente por turma, tendo em vista as limitações do espaço. Os alunos do 5º ano, por serem maiores, não tem intervalo e após a refeição, iniciam novamente a aula. Por esse motivo, a aula depois do intervalo não tem o mesmo rendimento das primeiras aulas, pois os alunos estão mentalmente cansados. De acordo com Souza e Souza (2014),

(...) se defendemos a escola como lugar privilegiado da infância em nossa sociedade, precisamos repensar a construção, organização e

ocupação dos edifícios escolares, precisando sim repensar a importância das condições dos lugares escolares para que possamos permitir que seus usuários se apropriem e vivenciem o espaço e as práticas ali desenvolvidas de modo a transformá-lo em lugar. Um lugar cheio de sentido, que desperte o gosto pelo saber e que permita as crianças vivenciarem sua infância juntamente com seus pares. (SOUZA e SOUZA, 2014, p. 2).

É indispensável que a instituição escolar tenha um espaço que favoreça os alunos na aquisição de conhecimentos científicos e também o desenvolvimento intelectual, cognitivo, afetivo e físico, e para tal, é necessário que o espaço seja amplo, para que os alunos possam brincar e interagir com seus colegas.

Entretanto, na escola em tela todas as salas de aulas são pequenas, principalmente a sala da turma do 5º ano (Ver foto 2 nos anexo), por esse motivo, as cadeiras sempre ficam organizadas em fileiras porque não têm como colocá-las de maneira diferente. Quando a professora precisa abrir o armário que tem dentro da sala, para tirar algum material a ser utilizado, o aluno que senta em frente a este precisa levantar para que o armário possa ser aberto.

Em relação à equipe de professores, a instituição trabalha com oito (8) profissionais, sendo seis formados em Pedagogia (destes três têm apenas a graduação, dois possuem também pós-graduação e um tem segunda graduação em Licenciatura em História). Além destes, duas estão cursando Pedagogia, inclusive a gestora da escola e a preceptora. Todos os professores participam de formação continuada oferecidas pela secretaria municipal de educação de Queimadas.

Em relação ao apoio, a Escola dispõe de uma (1) coordenadora pedagógica, que também exerce a função de vice-diretora, com formação em História e pós-graduação em supervisão e orientação educacional. A escola ainda conta com o apoio de três (3) cuidadoras; cinco (5) funcionárias que exercem as funções de cozinheira e zeladora; e uma (1) inspetora. A maioria dos funcionários está exercendo sua função na instituição há 3 anos, apenas um profissional está na escola há apenas um ano.

É necessário que os professores estejam sempre em busca de aprimorar sua prática, pois a todo instante surgem novos referenciais teórico-metodológicos que podem subsidiá-los em seu trabalho. É importante que eles estejam abertos a novos aprendizados, dentre eles aqueles associados às tecnologias, tendo em vista que os alunos estão cada dia mais antenados com ela. O docente também deve se inserir nesse mundo tecnológico, preocupando-se com as contribuições desta para o âmbito escolar, de modo a estimular os educandos a utilizarem essa ferramenta, não apenas para a diversão, mas também para a aprendizagem.

A Escola campo de estágio, atende mais de 160 (cento e sessenta) alunos, divididos em três turnos (manhã, tarde e noite), disponibiliza oito turmas de educação infantil ao quinto ano do ensino fundamental, sendo cinco pela manhã, com 97 (noventa e sete) alunos e quatro à tarde, com 65 (sessenta e cinco) alunos. À noite, atende à Educação de Jovens e Adultos (EJA), porém, o número de alunos nessa modalidade não foi informado.

A distribuição dos alunos ocorre de acordo com o ano equivalente. Pela manhã, a instituição funciona com o Pré I, 1º ano, 2º ano e 3º ano; à tarde, com o Pré II, 3º ano, 4º ano e 5º ano. No turno da noite funciona a modalidade EJA.

Os alunos que frequentam a Escola são, em sua maioria, carentes e moradores do bairro. As crianças menores que estudam no turno da tarde, chegam acompanhados dos pais ou responsáveis, já os maiores vão sozinhos para a escola.

O modelo de gestão pretende ser democrático. A gestora trabalha em conjunto com todos os profissionais da instituição, incluindo professores e demais funcionários, de maneira que as decisões mais importantes são tomadas por todos. Os aspectos decididos pela equipe escolar são melhorias voltadas para o crescimento da instituição e o bem comum. Nessa perspectiva,

A gestão democrática na escola pública é concebida como um instrumento metodológico que a escola vem realizando com toda a equipe gestora e comunidade escolar de forma participativa e objetiva com a finalidade de construir um processo democrático dinâmico e contínuo de esforço e coletividade visando à autonomia de todos os integrantes da Instituição escolar. Percebe-se que por intermédio da participação ocorre uma participação na aplicabilidade dos recursos financeiros, a execução e avaliação das ações pedagógicas, contribuindo para melhoria do ensino aprendizagem dos discentes. (COLARES, PACÍFICO e ESTRELA, 2009, p. 129).

O modelo de gestão democrática propõe a quebra de decisões centralizadas em uma figura, nesse caso a do gestor. A gestão escolar lida diariamente com situações de impasse, tendo em vista que lidar com pessoas não é uma tarefa fácil, porém no âmbito escolar todos devem buscar um objetivo comum, que seja benéfico para o coletivo e não apenas para um indivíduo específico. A gestão democrática visa a perspectiva em que todos os profissionais da instituição têm vez e voz, prevalece o que seja melhor para o coletivo, por mais que tenham pontos de vista diferentes do que está sendo exposto em determinada tomada de decisão, que possam, acima de tudo, confiar no que está sendo sugerido. A confiança é um dos principais pilares na condução de uma boa gestão.

3 FORMAÇÃO, PLANEJAMENTO E IMERSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

3.1 CONTINUIDADE DA FORMAÇÃO

Simultaneamente ao período de observação e regência na escola, ocorreram dois cursos de formação na UEPB, sendo o primeiro nos meses de agosto e setembro de 2018 e o segundo de fevereiro a junho de 2019. No segundo curso foram realizadas cinco mesas temáticas com palestrantes da UEPB e de outras instituições. A primeira mesa temática foi sobre “Ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa mediados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”. Foi realizada no dia 08/04/2019, tendo como palestrantes: Prof^a Dr^a Tatiana Fernandez Sant'ana (Coordenadora da Residência Pedagógica no Curso de Letras/Português); Prof^a Ma. Alessandra M. De Miranda (SEE/PB) e Prof^a Ma Edênia de Farias Souza (SEDUC/CG). Primeiramente, discutiram sobre o que a BNCC traz em relação ao ensino de Língua Portuguesa, destacando a leitura deleite diária para as crianças terem contato com a oralidade desde cedo, tendo em vista que ela deve ser prazerosa e significativa, para que o aluno possa se colocar no contexto da história que está lendo.

De acordo com a BNCC, as práticas de linguagem se manifestam por meio de eixos, sendo eles: oralidade, produção de texto, análise linguística, semiótica e habilidade de escuta. Eles são realizados por meio dos campos de atuação: campo da vida cotidiana, utilização de cartas pessoais ou reclamações; campo artístico-literário, leitura dramática, cordel e poemas; campo de práticas de estudos e pesquisas, relatos de experiência, divulgação e campo da vida pública, anúncios, reportagens e entrevistas. Nessa perspectiva,

Ao componente de língua portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação do letramento, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2018, p. 67).

A língua é vista como atividade interativa, formadora e social. Produzir linguagem, entre outras manifestações, significa produzir discursos em situações concretas de interação para que os alunos desenvolvam seu senso crítico e reflexivo e possam opinar e discutir acerca de diversos temas, sendo necessário que sejam estimulados na sala de aula para que possam desenvolver essas competências por meio da leitura. Conseqüentemente, quanto mais

a leitura é estimulada, mais os discentes adquirem conhecimentos e são capazes de discutir diversos assuntos.

Espaço privilegiado para a aquisição e o desenvolvimento de competências de leitura, a escola deve preocupar-se em promover situações pedagógicas em que a língua ganhe relevância no currículo escolar e tenha significado na vida do estudante. Nesse sentido, a leitura deve ser tomada como uma atividade cognitiva, que vai além da mera codificação de caracteres, isto é, se dá a partir da compreensão dos sentidos presentes no texto e deve ser estimulada diariamente para que os alunos adquiram o prazer de ler. As práticas de leitura, porém, ganharão ainda mais significado se não estiverem isoladas dos outros eixos de ensino da língua.

O leitor proficiente deve ter condições de interrogar sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e seu conhecimento prévio, questionar seu conhecimento e modificá-lo, generalizar o conteúdo aprendido para outros contextos, entre outras habilidades. Contudo, deve-se considerar que a competência leitora não é homogênea, pois alguém que costuma ler e compreende muito bem textos com estruturas de romances poderia não conseguir compreender em mesmo grau um texto científico. (PIOVEZAN e CASTRO, 2005, p. 54-55).

Considerando o espaço e a importância que os textos ocupam no nosso cotidiano, é imprescindível trabalhar a competência leitora dos alunos, desde muito cedo, pois assim eles têm mais capacidade de se tornarem leitores proficientes e relacionar novas leituras a conhecimentos já adquiridos. Porém, as competências leitoras dependem de quais leituras são feitas. Se o indivíduo só é acostumado a ler um determinado gênero de livro, dificilmente irá compreender outro texto com a mesma competência.

A segunda mesa temática ocorreu em dois dias, em 22/04/19 e 29/04/2019, intitulada como “Tecendo caminhos do processo de ensino e aprendizagem de Matemática”, com o Profº Drº Aníbal de Menezes Maciel. Segundo o Professor, a Matemática abrange três áreas do conhecimento: I) Social, depende da interação entre as pessoas, como por exemplo, a cultura, a linguagem e a religião; II) Físico, depende do contato com os objetos; III) Lógico-Matemático, depende do estabelecimento de relações entre coisas, objetos, fenômenos e ideias. O professor afirma, ainda, que a Matemática não é social, ela passa por esse conhecimento e aprende com o contato físico, dialoga com essas áreas, mas independe delas. Esse componente curricular é do mundo das ideias e das relações que estabelece com essas ideias.

A Matemática é considerada o componente curricular que mais influencia os indivíduos a desenvolver o conhecimento lógico, por essa razão recebeu o nome de lógico-matemático. Ao ser trabalhado em sala de aula, a utilização do material concreto é indispensável, pois através dele, os alunos associam melhor o algoritmo, seja ele a adição, subtração, multiplicação ou divisão.

É importante também que, para resolver seus cálculos, a criança tenha à disposição os mais variados materiais auxiliares (fichas, palitos, grãos de cereais, contadores e outros) para manipular à vontade, e com os quais possa representar as quantidades citadas nos problemas e realizar as ações que julgar necessárias. (TOLEDO e TOLEDO, 2009, p. 104).

Por meio do manuseio dos materiais concretos, sejam eles quais forem, os alunos têm mais facilidade de aprender Matemática e, conseqüentemente, realizar as suas operações, compreendendo melhor o ambiente em que vivem e participando da sociedade de uma forma mais crítica. A Matemática não se realiza apenas na sala de aula com o professor, com quadro, giz e alunos, mas na experimentação, na construção, na reconstrução, na análise, na observação e na discussão de diferentes fatos e situações encontradas no trabalho cooperativo de grupo, no diálogo e nas reflexões. Porém, para que isso ocorra, é necessário que o professor estimule a desenvolver essas habilidades, através da utilização dos materiais, pois a partir deles os alunos poderão construir seus próprios conceitos em relação à matemática e estabelecer relações dos conteúdos com o seu cotidiano.

A terceira mesa temática realizada foi “Educação e (des)emprego mediante a quarta revolução industrial”, que ocorreu em 13/05/2019, com os palestrantes Prof^o Dr^o Mamadou Dieng e Prof^a Dr^a Mary Delane. Primeiramente, foram lembradas as três revoluções anteriores. A primeira revolução industrial foi a mecanização dos processos através da energia hidráulica e do vapor. A segunda, foi o início da produção em massa, proporcionada pela aplicação da energia elétrica. A terceira, foi a automação dos processos através da eletrônica e tecnologia da informação. E, por fim, a quarta revolução industrial, a fusão de tecnologias, que combina as esferas física, digital e biológica. Desse modo,

O mais surpreendente dessa mudança é o perfil das ocupações, que começam a ser substituídas pela automação, como atividades intensivas em mão de obra nas indústrias de eletrônicos, confecções e construção civil, além de trabalhos qualificados no setor de serviços. O uso de inteligência artificial em instituições financeiras, escritórios de advocacia, corretoras de imóveis, agências de viagem, empresas de contabilidade, de telecomunicações e de mídia e até mesmo nos serviços públicos deverá eliminar os empregos de grande parte da classe média. (MAGALHÃES e VENDRAMINO, 2018, p. 42).

Com o avanço tecnológico, ocorreram grandes mudanças na sociedade em geral e, cada vez mais, as máquinas ganham espaço e alguns tipos de trabalho humano vão desaparecer, dependendo da área de atuação. A escola deve se adaptar a essas transformações, tendo em vista que forma as futuras gerações que irão viver nesse novo modelo de sociedade.

A quarta e última mesa temática foi “Ensino e aprendizagem de Geografia e História no ensino fundamental”, realizada no dia 07/06/2019, com as palestrantes Prof^a Dr^a Márcia Silva de Oliveira e Prof^a Ma. Maiara Juliana Gonçalves. Discutiram acerca da História e a Geografia numa perspectiva da interdisciplinaridade, que,

pressupõe a transferência de métodos de uma disciplina para outra. Ultrapassa-as, mas sua finalidade inscreve-se no estudo disciplinar. Pela abordagem interdisciplinar ocorre a transversalidade do conhecimento constitutivo de diferentes disciplinas, por meio da ação didático-pedagógica mediada pela pedagogia dos projetos temáticos. Estes facilitam a organização coletiva e cooperativa do trabalho pedagógico, embora sejam ainda recursos que vêm sendo utilizados de modo restrito e, às vezes, equivocados. (BRASIL, 2013, p. 28).

A interdisciplinaridade deve promover o diálogo entre as disciplinas, motivar o conhecimento, extrapolar os muros da escola, dar sentido à vida de cada sujeito presente na escola e na comunidade. Para realizar esse movimento, temos que conhecer a essência e o lugar que cada disciplina ocupa no currículo e na vida, tanto do professor quanto do aluno. Por esse motivo, devemos ter clareza que a interdisciplinaridade escolar deve ir além dos conteúdos conceituais específicos porque não é uma categoria do conhecimento, mas de ação, vinculada aos sujeitos e às suas interações sociais.

Ao ensinar Geografia, por exemplo, devemos possibilitar às crianças o entendimento das relações sociedade-natureza e a compreensão das relações estabelecidas na construção do espaço geográfico. Além disso, deve-se propiciar a reflexão sobre a posição que os sujeitos assumem nessas relações, valorizando a importância da cidadania e do papel do ser humano na transformação do espaço. Para ensinar História, é preciso compreender que o conhecimento do passado é fruto de indagações, investigações, análises e interpretações feitas por diferentes sujeitos. Esse é um dos objetos de estudo da História: entender como os indivíduos construíram e constroem suas narrativas sobre o mundo no passado e no presente.

O mundo em que vivemos é construído historicamente e, portanto, mantém íntima relação com o passado. Assim, nessa relação de passado-presente, o estudante passa a adquirir

a ideia de pertencimento a uma sociedade, devendo se conscientizar como sujeito responsável pelo seu futuro e pela comunidade em que está inserido.

É a partir dos conceitos e da realidade do aluno que o professor vai trabalhar a diversidade de conteúdos. É importante trabalhar com esses indivíduos os questionamentos que surgem a partir do estudo do meio em que ele está inserido. Tudo que produzimos pode ser considerado como fonte histórica e não apenas documentos oficiais, como eram antigamente. A história está sendo reescrita a todo momento e todo e qualquer indivíduo é ser histórico e produz história. Não é como antigamente que só era considerado história os feitos dos homens poderosos financeiramente, ou seja, as elites.

As mesas temáticas foram importantes, pois possibilitaram a aquisição de novos conhecimentos e a reflexão acerca do papel do professor em sala de aula. É necessário sempre aliar a teoria com a prática, e durante a realização dessas mesas os professores apresentaram a teoria aliada a exemplos do cotidiano para que a compreensão fosse melhor. Além das mesas temáticas, foram realizadas reuniões para avaliação das atividades e orientações diversas acerca das atividades em desenvolvimento.

Importante ressaltar que a primeira etapa do Programa, em agosto e setembro de 2018, foi dedicada ao primeiro curso de formação, quando foram realizados outros estudos e mesas redondas com temas tais como: Alfabetização e letramento, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em processo de implementação, Leitura e produção textual, desenvolvimento do raciocínio lógico matemático, planejamento em sequência didática

3.2 PLANEJAMENTO NA ESCOLA-CAMPO

Um dia antes de iniciar o ano letivo de 2019, em Queimadas/PB, na escola campo da Residência Pedagógica ocorreu o planejamento anual. Na ocasião, estavam presentes todos os funcionários da escola, professores, cuidadoras, auxiliar de serviços gerais, coordenadora pedagógica, vice-diretora e a diretora. Foram discutidos, de maneira geral, os conteúdos a serem trabalhados em cada bimestre, mais detalhadamente as atividades a serem desenvolvidas na primeira semana de aula.

No início da reunião, a gestora fez uma dinâmica muito interessante denominada “Parede e morador”, na qual uma pessoa fica de frente para a outra e juntam as duas mãos (formando uma casa) e no meio das duas pessoas fica uma terceira, que recebe o nome de

“moradora”. Sempre que a gestora falava “morador”, a pessoa saía da casa e procurava uma outra. Quando falava “parede”, as duas pessoas que desempenhavam esse papel saíam para formar uma nova parede. Ao final da dinâmica, a gestora explicou que só funcionou porque todos trabalhavam juntos e cada indivíduo desempenhou sua função e que no âmbito escolar também deve ocorrer do mesmo modo, cada um desempenha seu trabalho, mas todos devem cooperar para o bem comum.

A coordenadora destacou que o professor precisa impor respeito já no primeiro dia de aula, mas é necessário o equilíbrio entre ser autoritário e “ser bonzinho”. Um dos pontos mais frisados pela coordenadora pedagógica foi a questão do controle de sala, segundo a qual, esse é o aspecto mais importante, pois sem ele a aula não flui.

A expressão “impor respeito” parece-nos inadequada e nos faz lembrar que esse esse ano, a Secretária de Educação e Cultura de Campina Grande (SEDUC/CG) resolveu incluir dentre os temas a serem trabalhados “a educação emocional”, que deve ser incluído no currículo da escola, objetivando promover o equilíbrio emocional dos alunos, uma vez que aumentaram os casos de crianças e adolescentes com adoecimento psíquico (depressão, ansiedade, pânico, automutilação e outras). Segundo a vice-diretora, durante todo o ano letivo serão realizadas atividades voltadas para o controle das emoções. De acordo com GADOTTI (2011, p. 55), “o papel das emoções no processo de aprendizagem é decisivo: razão e emoção não são instâncias separadas do ser que aprende. A emoção é parte do ato de conhecer”. Nessa perspectiva, a escola tem um papel importante no desenvolvimento dos alunos e, conseqüentemente com suas emoções, pois elas influenciam o desempenho do indivíduo na aprendizagem. É importante destacar que escola e família devem trabalhar em conjunto, pois essa é uma questão que deve ser iniciada em casa e continuada na instituição escolar.

Outro aspecto que nos chamou a atenção, foi que a instituição de Queimadas/PB arrecada dinheiro entre as professoras, mensalmente, para a culminância de projetos, realizando rifas, brechós, caixinha. Para gestão desses recursos, foram eleitas duas professoras como tesoureiras, uma do turno da manhã e outra do turno da tarde.

Os professores receberam um papel com dicas de atividades para a primeira semana de acolhimento aos alunos e foram aconselhados a fazer dinâmicas e atividades lúdicas, deixando para iniciar os conteúdos na semana seguinte. Alguns professores não foram a favor, por considerarem não ser viável ficar uma semana apenas com atividades lúdicas. Foi perceptível que esses profissionais estavam preocupados apenas com os conteúdos a serem ministrados, desse modo, não se preocupavam com a socialização dos alunos. Ainda nessa primeira

semana, foram realizadas atividades para fazer o diagnóstico da turma, objetivando verificar em que fase da aprendizagem a maioria dos alunos se encontrava.

Em meados do mês de fevereiro, ocorreu o planejamento do 1º bimestre, objetivando discutir sobre os conteúdos a serem trabalhados durante o bimestre, incluindo sugestões de filmes e músicas.

Na ocasião, os professores reclamaram que os pais não auxiliam os filhos com as atividades e não participam da vida escolar deles e que comparecem à escola apenas quando tem lanche e não para refletir sobre os problemas dos filhos, ou auxiliar os professores com os eventuais problemas que surgem ao longo dos bimestres. Segundo Gadotti (2011, p. 12), “Quando os pais, as mães, ou outros responsáveis, acompanham a vida escolar de seus filhos, aumentam as chances da criança aprender”. É importante que os familiares trabalhem em conjunto com a escola para que o aprendizado dos alunos seja efetivado, essa parceria é indispensável no processo de ensino e aprendizagem, pois quando ela ocorre o desempenho dessas crianças é melhor e elas se sentem motivados a ir para o colégio, pois sentem-se seguros ao saber que têm apoio dos pais.

Os professores foram aconselhados a terem cuidado ao colocar um aluno que já sabe realizar determinadas atividades com um que não saiba, porque pode acarretar uma regressão na aprendizagem, ao propor esse tipo de interação, é necessário colocar alunos que estejam em níveis de aprendizagens próximos. Foi destacada a importância de contextualizar os conteúdos com os conhecimentos prévios e a primeira semana de aula ser usada para detectar os saberes já adquiridos pelos alunos.

3.3 PRIMEIRA ETAPA DA IMERSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA

O processo de imersão no ambiente escolar teve início nos meses de outubro e novembro de 2018, período em que participamos do PRP numa escola localizada em Campina Grande/PB. Porém ao iniciar o primeiro semestre de 2019, fomos para uma escola, localizada no município de Queimadas/PB, para uma turma de quinto ano, com 14 alunos. Para preservar o sigilo, a referida ser identificada neste texto como “Escola Municipal de Queimadas/PB”. Durante o período de observação (23/7/19 a 23/8/19) dessa etapa, destacamos os pontos mais relevantes: a relação professor-aluno, a afetividade, o *bullying* e a metodologia utilizada pela docente.

A relação professor-aluno pode influenciar o processo de ensino e aprendizagem, tanto de maneira positiva quanto negativa, devido à capacidade que o professor tem de sentir, reagir, planejar e decidir, tornando-se capaz de alterar o curso dos acontecimentos. Os melhores professores são aqueles que avaliam, analisam e sistematizam o comportamento e a comunicação entre seus alunos, estabelecem interação, demonstram afetividade e apresentam soluções.

Ter um relacionamento com um aluno e ter respeito mútuo não significa ser melhores amigos. Tampouco significa ser o professor favorito ou estar obcecado com o fato de os alunos gostarem de você. Há muitas outras maneiras de construir um relacionamento; no entanto, deve ficar claro que simplesmente ter um relacionamento positivo com um aluno não faz com que todos os maus comportamentos desapareçam. Esse relacionamento positivo tem o potencial de diminuir muito esses maus comportamentos, mas há momentos em que você precisará trazer um colega ou um administrador para lhe dar apoio em casos extremos de mau comportamento de um aluno. (STUMPENHORST, 2018, p. 22).

Uma relação saudável entre professor e aluno é essencial para o processo de ensino aprendizagem. Porém, muitos professores acreditam que ao estimular uma boa relação com a turma faz com que eles não o respeite e não estudem. No entanto, pode acontecer ao contrário: eles se sentem mais motivados a aprenderem. Os alunos não irão se comportar sempre bem, tendo em vista que são crianças e, em alguns momentos, vão buscar uma forma de chamar a atenção do professor.

Na escola em que foi realizada a pesquisa, a relação professor e aluno, especificamente no 5º ano, ocorreu de maneira respeitosa, porém complicada. A turma era bastante indisciplinada, possuía alguns alunos em situação de distorção idade/ano e, algumas vezes, a docente se dirigia a eles de forma severa, chegando mesmo a constranger alguns alunos. Nesse aspecto, é necessário diferenciar autoridade de autoritarismo. Em relação ao autoritarismo,

Sua característica principal é que os alunos, ao obedecerem, não o fazem por acreditar na autoridade docente, mas sim porque são obrigados, não têm escolha, ou seja, obedecem, mas não respeitam, gerando assim um círculo vicioso: os estudantes não respeitam o professor, que se torna mais autoritário e utiliza mais instrumentos de coação, gerando mais indisciplina e conseqüentemente menos respeito por parte dos alunos. (NOVAIS, 2004, p. 21).

A indisciplina dos alunos em sala também é reflexo da educação que recebem em casa. Quando família e escola “trabalham” em conjunto, os maiores beneficiados são os

próprios alunos, que tem um rendimento melhor. Porém, quando um não dá continuidade às atividades realizadas pelo outro, dificilmente os problemas vão ser resolvidos, ou pelo menos amenizados. Em diversos momentos, a docente da turma, relatou que a indisciplina de alguns alunos vinha de casa, porque os pais não impõem limites e ao chegarem na escola, os estudantes querem agir como se estivessem em casa.

Desde o primeiro dia de aula a professora esclareceu que o respeito era primordial e impôs respeito na turma, tanto com dos alunos para com ela como entre eles próprios. Na ocasião ela definiu o que os alunos podiam e não podiam fazer em sala, como por exemplo, nada de agressão física ou verbal e só sair da sala se ela permitir, pois muitas vezes, eles usam desse artifício só para sair da sala; prestar atenção à explicação porque, segundo a docente, “a hora da explicação é uma hora sagrada”. Quando algum dos alunos quebrassem uma dessas regras seria alertado.

A relação dos jovens com os adultos na escola é mediada pelo conhecimento formal e científico, o qual o professor detém, e a interação entre ambos deve permitir e promover a aprendizagem desse conhecimento por parte dos alunos. Dessa forma, podemos dizer que a ação do professor é uma ação específica e apresenta, portanto, características que a distinguem da ação dos outros adultos com os quais crianças e jovens convivem. A ação pedagógica implica uma relação especial em que o conhecimento é construído, para tanto, exige do professor uma ação adequada às possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem de seus educandos. Essa relação deve ser a atitude criativa de quem detém maior nível de conhecimento formal e maturidade para possibilitar a formulação desse conhecimento pelo aluno.

O professor deve estabelecer uma relação amigável com a turma, sempre deixando claro que o respeito é importante, mas não deve ser autoritário, pois pode deixar os alunos com medo e tendo dúvidas em relação a determinados conteúdos. Desse modo,

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 33).

Nessa perspectiva, na medida em que explica os conteúdos, o professor deve envolver o aluno na conversa, estimulando-o a interagir, trazendo seus conhecimentos prévios acerca do tema estudado. A linguagem do professor deve ser clara, para que os alunos compreendam o que ele está falando e possam questioná-lo e participar ativamente nas discussões. Quando

os alunos são instigados a participar da aula, são motivados “viajam” juntamente com o professor. Dentre outras coisas, isto possibilita que relacionem os novos conteúdos com os conhecimentos prévios.

Na tentativa de manter a autoridade mediante a indisciplina da turma, percebemos que a professora manteve uma postura de pouca aproximação com os alunos, o que pode ser confundido com falta de afetividade, que é algo importante no processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que está associada à confiança que os alunos podem construir com relação ao professor. Como afirma Ribeiro,

[...] a afetividade pode estimular ou inibir o processo de aprendizagem dos alunos: do ponto de vista negativo, a ausência desse fator aparece como a principal fonte de dificuldades da aprendizagem dos sujeitos; ao contrário, do ponto de vista positivo, a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor, e assegura, conseqüentemente, melhores desempenhos nos estudos. (RIBEIRO, 2010. p. 406).

Quando a afetividade não é explorada em sala de aula traz dificuldades de aprendizagem para os alunos. Muitas vezes, alguns alunos não têm carinho e atenção em casa e a escola é o único local onde eles se sentem acolhidos e o professor assume um papel importante para a formação desses indivíduos e estímulo a utilização dos valores essenciais no dia a dia. No entanto, é necessário refletir e analisar que não apenas a existência desse aspecto é capaz de amenizar ou pelo menos influenciar na aquisição dos conhecimentos teóricos, uma vez que as variáveis que afetam os processos de ensino de ensino e aprendizagem são de diversas ordens, tais como o incentivo e apoio familiar; as condições de vida das famílias; as condições das escolas; a adequação das políticas e dos currículos, dentre outras. A afetividade é um importante aspecto, mas não é o único.

A turma do estágio contava com 16 alunos e a maioria lia e escrevia, com exceção de três que tinham mais dificuldades, não liam nem escreviam com fluência. Dois destes demoravam a copiar do quadro, todos terminavam e eles ficam apenas eles copiando e os demais ficavam implicando com um deles. Uma menina sofria *bullying* constantemente por parte dos colegas, que lhe atribuíam apelidos maldosos. Ela ficava receosa quando fazíamos alguma pergunta, pois os colegas diziam que ela não sabe, que iria errar, dentre outros comentários desse tipo. Foi bastante complicado lidar com essa situação em sala de aula. Por mais que repreendemos os demais alunos por essas atitudes, no momento eles paravam, mas depois voltavam com as mesmas ações, caracterizando, a nosso ver, uma situação de *bullying*, definido como

um conjunto de atitudes agressivas, intencionais, pejorativas e repetidas, que ocorrem sem motivo evidente adotado por um ou mais alunos contra outros, causando sentimentos negativos como raiva, angústia, sofrimento e em alguns casos queda do rendimento escolar. (OLIVEIRA, 2016 apud FANTE, 2005).

O *bullying* aparentemente ocorre sem motivação, realizado por uma ou mais pessoas contra outra/s, causando dor e angústia. É um problema mundial e está presente em escolas e espaços comunitários, sendo que em muitos casos até mesmo dentro da própria casa. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, ele não é uma simples brincadeira, é agressão e pode até se constituir em crime. Brincadeira ocorre quando todos os envolvidos se divertem, o que não acontece nesse caso.

A manifestação do *bullying* pode ocorrer por influências de fatores econômicos, sociais, culturais, familiares, de amigos, da escola e da comunidade, entre outros, e causam impactos na saúde e no desenvolvimento de crianças e adolescentes. O professor deve estar atento ao comportamento de seus alunos e nesses casos de *bullying*, deve mostrar as consequências desses atos para quem sofre, sempre estimulando a interação e uma convivência salutar entre todos os alunos. A vítima precisa de uma atenção maior, para que seu aprendizado não seja prejudicado.

Outro aspecto importante durante a observação (oito encontros em dois meses, outubro e novembro de 2018), foi quando a professora da turma de estágio solicitou aos alunos um caderno bem organizado, com letra legível. Ela exigia leitura e escrita, porém houve poucas aulas que isto tenha sido trabalhado. Isto nos preocupou porque,

Quando o professor lê um conto para seus alunos, eles não aprendem apenas os conteúdos das histórias e suas características, mas também como as pessoas utilizam a leitura, os comportamentos de um leitor e a compartilhar práticas sociais de leitura. Muitas vezes os professores pensam que as crianças só aprendem a ler se realizarem atividades que envolvam as letras. Com certeza, há momentos em que devemos propor atividades de leitura que permitam às crianças refletir sobre o sistema de escrita, mas só isso não é suficiente! Temos que promover a entrada dos diversos textos na escola para que as crianças aprendam as competências necessárias para a leitura na vida cotidiana. (FONSECA, 2012, p. 29)

A leitura é muito importante para o desenvolvimento da criança e se o professor deseja alunos leitores deve promover momentos de leitura em sua sala, ao invés de apenas cobrar dos alunos que, muitas vezes, não tem esse estímulo em casa. A leitura deleite é uma forma de

mostrar para as crianças o prazer pela leitura e por meio dela o aluno pode ser apresentado a diferentes gêneros textuais.

Em relação à metodologia utilizada pela professora, as aulas sempre são expositivas, os alunos copiam um texto do quadro, ela explica o assunto e depois copiam uma atividade referente ao tema da aula, respondem e, posteriormente, é realizada a correção coletiva. Em relação à distribuição das aulas, cada dia ela ministra duas disciplinas, sempre com a mesma metodologia, texto, explicação e atividade. Segundo a professora, o livro da coleção *Àpis*, adotado pela escola, é pouco utilizado porque traz informações incompletas e, por essa razão, ela utiliza outro livro, que traz todas as disciplinas e os assuntos são mais completos.

Um outro fato que nos despertou a atenção durante as primeiras semanas de observação foi a um ditado de palavras, que os alunos estavam terminando do dia anterior. Quando eles terminavam de escrever as palavras ditadas pela professora, trocavam o caderno com os colegas e a professora escrevia as palavras corretamente no quadro para que as crianças escrevessem as palavras corretas ao lado da que estava com a grafia “errada”. Após a correção, os cadernos eram devolvidos aos seus donos. Como atividade de casa eles deveriam escrever, corretamente, três vezes as palavras que erraram. Nesse caso, o ditado foi utilizado como forma de punição. Provavelmente isto ocorreu porque a ortografia,

Para muitos, tem sido mais um objeto de avaliação do que de ensino. E tem sido assim, talvez porque a ortografia é responsável por estabelecer normas de como se escreve corretamente. Portanto, à noção de coreto vem atrelada a noção de erro. Outros educadores têm focado o ensino da ortografia e não apenas sua avaliação. Mas, em geral, as práticas desenvolvidas continuam sendo as mais tradicionais: transmissão verbal das regras, exercícios mnemônicos ou os tão famosos “treinos ortográficos”. Tais condutas têm por trás um modelo mecanicista de aprendizagem, baseado na memorização. (MELO e REGO, 1998, p. 115).

Nesse caso, é estimulada apenas a memorização, os alunos fazem a atividade de forma mecânica, sem entender porque escrevem de tal maneira, não compreendem devidamente as regras, apenas a utilizam e muitos professores também não estão preocupados em ensinar de forma mais significativa. Recomenda-se avaliar o contexto em que o aluno escreve e não apenas palavras isoladas, pois ao errar apenas uma palavra não quer dizer que ele não sabe, o aluno pode apenas não ter compreendido uma regra específica. Há muitas formas de estimular a escrita dos alunos para que eles possam utilizar a criatividade, como por exemplo, o trabalho com diferentes gêneros textuais.

Durante o curso de formação da residência e as reuniões com a coordenadora da residência no Curso de Pedagogia, fomos aconselhadas a fazer planos de aula

interdisciplinares que as duas duplas trabalhassem de forma integrada, de maneira em que um conteúdo estivesse relacionado com o outro. Ao observarmos a aula, foi possível perceber que a professora não trabalhava de maneira interdisciplinar e contextualizada, as disciplinas eram trabalhadas separadamente e não havia nenhuma ligação entre elas.

No entanto, não podemos culpabilizar a professora por sua postura e metodologia em sala de aula, tendo em vista que há muitos aspectos que influenciam esse processo, como por exemplo, a formação da docente e até mesmo a forma como ela foi alfabetizada e os professores que a influenciaram ao longo de sua formação, desde o ensino fundamental até o curso superior. Há, também, as condições precárias da escola, com pouco espaço para atividades mais dinâmicas; e a falta de recursos didático-pedagógicos, dentre outros.

3.4 SEGUNDA ETAPA DA IMERSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: REGÊNCIA DE CLASSE

A segunda etapa do estágio do PRP na Escola Municipal de Queimadas, após a observação das aulas, foi a regência de classe. De acordo com Gatti (2010, p. 1371), “não obstante, as observações largamente difundidas sobre o funcionamento dos cursos de Pedagogia nos autorizam a sugerir que a maior parte dos estágios envolve atividades de observação, não se constituindo em práticas efetivas dos estudantes de Pedagogia nas escolas”. Esse foi um dos aspectos que o PRP tentou evitar, tendo em vista que propõe 100 horas de regência, dentre as 440 horas totais do Programa.

A regência, na referida escola, ocorreu no período de 19/03/2019 a 03/06/2019. Quando estávamos na regência, procuramos sempre intercalar as aulas entre expositiva, dialogada e dinâmica. Sempre iniciávamos a aula com uma roda de conversa, com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios da turma acerca do tema. Em seguida, escrevíamos um texto relacionado à temática, explicávamos e, posteriormente, fazíamos uma atividade. Dependendo do assunto, era aula expositiva e dialogada como da professora da turma e, por vezes, com atividades mais dinâmicas.

Um aspecto que priorizamos em sala foi a leitura com diversos gêneros textuais. A leitura do texto utilizado para a explicação dos conteúdos, inclusive de outros componentes curriculares, era realizada coletivamente pelos próprios alunos, que espontaneamente liam um trecho. Ao final da leitura, indagávamos sobre o que haviam entendido e seus conhecimentos

prévios acerca da temática. Primeiro, eles diziam que não haviam entendido nada, mas, em seguida, pouco a pouco, eles expressavam seu entendimento sobre o que liam. Para que eles se sintam mais seguros,

[...] O professor deve aproveitar as situações do dia a dia na escola e criar outras tantas, com o usuário da escrita diante das crianças, para que percebam seu valor comunicativo e se sintam motivados a ler e escrever. O professor tem um papel importantíssimo na aquisição da competência leitora da criança, não só porque promove atividades para tanto, mas porque serve como modelo de leitor. (FONSECA, 2012, p. 28).

Essa prática corrobora o trabalho com outras áreas de conhecimento. No período de regência também foi possível perceber que aulas mais dinâmicas, com materiais concretos e jogos, despertavam a atenção dos alunos, tendo em vista que era algo diferente do que eles vivenciavam. Desse modo,

Manipulando materiais concretos o aluno envolve-se fisicamente em uma situação de aprendizagem ativa. O caráter motivador é uma das funções do uso de tais recursos pois se sabe que o conhecimento na criança, parte do concreto para o abstrato, e também é bem mais divertido aprender brincando, o cuidado com esse aspecto é imprescindível, pois, ao trabalhar com recursos didáticos, o professor deve estar muito bem preparado, com um bom embasamento teórico assim, realmente poderá cumprir a sua missão, que é ensinar. (SOUZA, 2007, p. 113).

A partir do momento que a regência foi iniciada, bastava iniciar atividades mais dinâmicas (grupo, pesquisa, jogos e outras) e ou determinados materiais, que os alunos levam na brincadeira e não encaram como aula. Talvez seja porque estão acostumados com uma única metodologia e acreditam que só é aula quando é realizada por meio da aula expositiva e da cópia de atividades do quadro. Um exemplo disso foi uma aula de Língua Portuguesa, realizada no dia 04/04/2019, sobre gênero do substantivo (Ver Apêndice 1).

Levamos um texto intitulado “Casamento na mata” (fábula), o qual continha nomes dos animais, fêmeas e machos. A partir dele explicamos “Gênero do substantivo”, suas classificações e mostramos alguns exemplos. Como atividade, levamos um jogo da memória, confeccionado por nós, para ele procurassem as imagens iguais, formando pares, por exemplo, encontrando o boi deviam procurar a vaca e assim por diante. Sentamos com os alunos em círculo no chão e colocamos o jogo no meio, mas eles não levaram a sério, ficaram brigando um com o outro, até percebermos que a aula não iria fluir daquela maneira. Então, passamos a fazer algumas questões no quadro mesmo para que elas respondessem oralmente.

Em momentos como este, ficávamos com a sensação de a aula só funcionava bem quando era expositiva.

Todavia, em outros momentos a aulas mais dinâmicas fluíram bem, como por exemplo, uma de Matemática sobre divisão, que ocorreu no dia 09/04/2019 (Ver Apêndice 2).

Nessa aula, após a roda de conversa, cujo objetivo era identificar os conhecimentos prévios dos alunos acerca do algoritmo da divisão; escrita do texto com os passos da divisão e a explicação de como realizar essa operação matemática, colocamos uns papéis com problemas matemáticos em uma sacola, sendo cada um com uma numeração, totalizando 13. Cada aluno pegava um e respondia em seu caderno. Após todos responderem, entregamos os envelopes correspondentes a cada um, contendo os números já cortados em E.V.A, correspondente ao problema matemático. Eles conferiam as respostas, identificavam o que tinha acertado e colavam os números em uma folha A4. Após todos terminarem, colamos todos os problemas matemáticos em cartolinas, fazendo cartazes que ficaram expostos no mural pedagógico da instituição. Eles gostaram da atividade e à medida em que terminavam, iam ajudar os colegas. Isto foi importante porque

Temos que saber que os recursos didáticos devem servir apenas como mediadores neste processo, como algo que aproxime professor, aluno, conhecimento, respeitando as suas devidas proporções e sendo utilizados em momentos específicos. Sempre aliados a uma boa formação do professor a sua concepção pedagógica. O material escolhido deve ser utilizado com embasamento teórico, e o professor não deve ceder aos apelos comerciais que muitas vezes apresentam os materiais didáticos como solução dos problemas educacionais. (SOUZA, 2007, p. 113).

Durante a formação na UEPB, desde a primeira etapa do PRP, a orientadora, Francisca Salvino, discutiu a necessidade de desenvolvermos um trabalho interdisciplinar e orientou nesse sentido. Assim, o planejamento e a realização das aulas deveriam ser em duplas, de forma articulada e sequenciada, numa perspectiva interdisciplinar. Nem sempre os conteúdos ou a nossa experiência favoreceram a isto, mas entendemos que

[...] a interdisciplinaridade se realiza como uma forma de ver e sentir o mundo, de estar no mundo, de perceber, de entender as múltiplas implicações que se realizam, ao analisar um acontecimento, um aspecto da natureza, isto é, os fenômenos na dimensão social, natural ou cultural. É ser capaz de ver e entender o mundo de forma holística, em sua rede infinita de relações, em sua complexidade. (FORTES, 2009, p. 9).

No dia 26/03/2019, trabalhamos com a disciplina História, com o tema da imigração. Utilizamos um texto de Patativa do Assaré, intitulado “A triste partida” (gênero

música/poesia), que traz uma linguagem nativa do interior nordestino. Discutimos essa diversidade linguística com os alunos, mostrando que cada região tinha seu dialeto e suas características próprias, frisando que não estão falando errado, pois os diferentes modos de expressão das pessoas, depende do público ao qual nos direcionamos e do lugar em que estamos inseridos.

Ainda na disciplina História, trabalhamos o dia do trabalho, no dia 02/05/2019, (Ver Apêndice 4). Iniciamos a aula como de costume, com uma roda de conversa, leitura do texto e interpretação. Destacamos, a pedido da professora da turma, a exploração do trabalho infantil e levamos um vídeo de uma reportagem transmitida no “Domingo espetacular”, na Tv Record, que mostrava a vida de crianças e adultos que são explorados na produção da castanha. Durante a exibição do documentário, os alunos ficaram atentos ao que assistiam e ficaram bem chocados com as informações contidas em algumas partes, como por exemplo, mediante as informações de que os trabalhadores recebiam apenas R\$ 5,00 (cinco reais) por cada quilograma de castanha vendido; as feridas que ficavam nas mãos de adultos e crianças porque a castanha tem uma substância corrosiva; quando um dos exportadores de castanhas disse que as famílias estavam ali porque queriam, se elas estivessem achando ruim, já teriam ido para outras cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, quando elas não saiam de lá porque não tinham condições financeiras para tal, pois o que recebiam mal dava para se alimentar.

Após a reportagem, a opinião dos alunos sobre o trabalho mudou. No início da aula disseram que não era importante, mas após a aula perceberam a sua importância. Enfatizamos que o trabalho escravo não existe só em cidades grandes, existe também em cidades pequenas, mas é escondido e a população não sabe da sua existência ou sabe, mas não age para combater, sendo conivente com a exploração do trabalho infantil. Foi uma aula bem proveitosa e eles entenderam o sentido da temática e da importância do trabalho, além de terem participado ativamente das discussões tanto do texto, quanto da atividade. Nesse trabalho, evidenciamos

A força da linguagem audiovisual está em que consegue dizer muito mais do que captamos, chegar simultaneamente por muito mais caminhos do que conscientemente percebemos, e encontra dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais nos identificamos, ou que se relacionam conosco de alguma forma (ARROIO e GIORDAN, 2006 apud GUTIERREZ, 1978).

O vídeo possibilita que o espectador perceba alguns aspectos e elementos que apenas com o som ou através da leitura, poderiam passar despercebidos. É uma ferramenta rica para ser utilizada em sala de aula, principalmente com crianças e adolescentes, tendo em vista que

atrai a atenção dos alunos, porém é necessário cuidado com o conteúdo audiovisual a ser reproduzido. Por meio dele, os alunos perceberam alguns aspectos que não seriam possíveis serem identificados apenas com um texto escrito, imagens ou fala. Mesmo sem fala, apenas pela fisionomia dos indivíduos é possível captar alguns aspectos, como por exemplo, no vídeo relacionado ao trabalho, as mãos das pessoas estavam feridas por causa dos elementos químicos presentes na castanha, dentre outros aspectos que os alunos observaram no audiovisual.

Mediante determinadas evidências durante o estágio na Escola Municipal de Queimadas/PB, tais como falta de biblioteca, sala de leitura e livros; dificuldade em se trabalhar com atividades e recursos pedagógicos mais dinâmicos; e a indisciplina a coordenadora do PRP, subprojeto de Pedagogia, a Prof^a Francisca Salvino organizou arrecadação de livros e doação à turma do estágio; conversou individualmente com a preceptora e com as estagiárias da escola; reunião com a professora e com as residentes no dia 22/07/19; e organizou a palestra “Diálogos sobre disciplina escolar” com uma psicóloga no 11/10/19. Lembrando que também tivemos as atividades paralelas realizadas na UEPB, sobre diferentes temas, enfatizando as metodologias de ensino. Realizou também uma avaliação do PRP com as residentes no dia 17/07/19 e reuniões, objetivando analisar a situação e redefinir ações para minimizar os problemas identificados na escola em análise e nas demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do trabalho possibilitou reiterar que o estágio é fundamental e necessário para o curso de formação de professores, tendo em vista que é através dele que o aluno licenciando vai analisar se é realmente o que ele deseja e pode observar como ocorre a prática pedagógica no dia a dia, bem como exercitar a regência de classe. Os processos de ensino e aprendizagem são complexos e envolvem diversos aspectos que podem influenciar a formação dos alunos de maneira tanto positiva, quanto negativa. Há uma tendência a se atribuir a responsabilidade pelos aspectos negativos ou insucesso desses processos ao professor, mesmo ele não sendo o único responsável.

Durante o período de imersão na escola-campo desta análise, numa turma de 5º ano, vários desses problemas foram perceptíveis, tais como: escola excessivamente pequena, sem área livre ou quadra de esporte para atividades recreativas, culturais e ou de lazer/interação, sem ventilação, sala de leitura, Sala de AEE, ou biblioteca; alunos em situação de distorção idade/ano; metodologias de ensino e aprendizagem bastante focada em aulas expositivas; turma bastante indisciplinada e desconcentrada, oriunda da periferia da cidade e de famílias de baixa renda.

Em relação à formação que recebemos em paralelo ao processo de imersão nas escolas, consideramos que as mesas temáticas realizadas foram de extrema importância para nossa formação docente, complementando a formação obtida regularmente no curso de Pedagogia, retomando e ou acrescentando novos conhecimentos. Nesses estudos, a interdisciplinaridade teve ênfase especial, nos alertando que ela pode e deve ser realizada a partir de três princípios básicos: tema/problema da realidade; possibilitar interação entre as pessoas; e promover articulação entre diferentes saberes e áreas de conhecimento.

Acreditamos que quando os conteúdos estão próximos à realidade do discente, quando expressam sua cultura, ele tem mais chance de aprender e quando as metodologias são mais dinâmicas também favorecem no sucesso da aprendizagem. Nessa perspectiva, o professor deve estar atento e preparado para utilizar as diferentes metodologias porque isto pode motivar os estudantes e alcançar a diversidade de alunos que habita as salas de aula.

Para o sucesso da aprendizagem do aluno, também é necessário que haja uma parceria entre família e escola e equipes multidisciplinares, capazes de atuar mediante os diferentes problemas que a realidade educacional brasileira apresenta, dentre os quais, destacamos: políticas educacionais equivocadas ou ineficientes; condições de pobreza da maioria dos

alunos; condições precárias das escolas e de trabalho dos profissionais; formação docente inadequada, mediante às realidades das comunidades escolares e redes de ensino, dentre outros.

É importante ressaltar que nos meses de outubro e novembro de 2018, vivenciamos a realidade de uma escola de Campina Grande e neste semestre (2019.2, de agosto a dezembro de 2019), estamos em outra escola desta cidade. Portanto, conhecemos durante o PRP três escolas diferentes, cada uma com suas possibilidades e dificuldades, três universos que têm contribuído para entendermos a educação em sua complexidade, perspectivas e desafios. Cada uma delas nos enriqueceu e reiterou a ideia de que uma educação de qualidade no Brasil é imprescindível para termos uma sociedade mais digna e justa para todos.

REFERÊNCIAS

ARROIO, Agnaldo; GIORDANI, Marcelo. **O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino.** Química nova na escola. 2006, p. 8-11. Disponível em: < http://www.lapeq.fe.usp.br/meqvt/disciplina/biblioteca/artigos/arroio_giordan.pdf Acesso em: 19 de Outubro de 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Centro de Documentação e Informação, 35.ed. Brasília: Edições Câmara, 2012. Disponível em: < https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/15261/constituicao_federal_35ed.pdf%3Fsequence%3D9&ved=2ahUKWiqm-TN0t3lAhV6JLkGHfgVC6oQFjAAegQIAxAB&usg=AOvVaw1y64iKFwpJzT-3V3d2P6Xv > Acesso em: 15 de Junho de 2019.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: < <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file&ved=2ahUKEwijoqTM093lAhUPGLkGHRZ9Bv4QFjACegQIAhAB&usg=AOvVaw3mBo9gwy7elvmxt3VLjAnM> > Acesso em: 15 de Junho de 2019.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional.** Coordenação de Edições Técnicas. Brasília: Senado Federal, 2017. Disponível em: < https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf&ved=2ahUKEwiCmPy11N3lAhWUDrkGHZrJAokQFjACegQIAxAB&usg=AOvVaw05uRzDcxXtHW72vIqLfnRk > Acesso em 08 de Junho de 2019.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em < <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase&ved=2ahUKEwjswoChhMTiAhWjLLkGHUXhB4oQFjACegQIBxAC&usg=AOvVaw3U4wC6lQfv0YkGwR65vVY2&csid=1559246140092> > Acesso em: 15 de Junho de 2019

_____. SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática.** Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro03.pdf> > Acesso em: 08 de Junho de 2019

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy; OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **A vida na escola e a escola da vida.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COLARES, Maria Lilia; PACÍFICO, Juracy; ESTRELA, George (Orgs). **Gestão escolar: Enfrentando os desafios cotidianos em escolas públicas.** Curitiba: CRV, 2009. Disponível em: < <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2009-pdf/2170-livro-unir->

[2009&ved=2ahUKEwiWtZ2z1t3IAhUpIbkGHU24CSsQFjAAegQIAxAB&usg=AOvVaw2hCUm90G3OYhNHigSKkK77](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/A-IMPORTANCIA-DO-PLANEJAMENTO.pdf&ved=2ahUKEwiWtZ2z1t3IAhUpIbkGHU24CSsQFjAAegQIAxAB&usg=AOvVaw2hCUm90G3OYhNHigSKkK77) > Acesso em: 13 de Outubro de 2019.

CONCEIÇÃO, Joecléa Silva; SANTOS, Joelma Felix do; SOBRINHA, Maria do Carmo Araújo Moura; OLIVEIRA, Marjori Aparecida Rocha de. **A importância do planejamento no contexto escolar.** 2016. Disponível em: < <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/A-IMPORTANCIA-DO-PLANEJAMENTO.pdf&ved=2ahUKEwjAzNvqvNriAhURHbkGHWYFB1sQFjAAegQIBhAB&usg=AOvVaw3OzEkoK1PaDTqOAz1bVwz6> > Acesso em: 08 de Junho de 2019

FANTE, C. **Fenômeno Bullying:** Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Editora Verus, 2005.

FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FONSECA, Edi. **Interações:** com olhos de ler. São Paulo: Blucher, 2012.

FORTES, Clarissa Corrêa. **Interdisciplinaridade:** origem, conceito e valor. **Revista Acadêmica Senac on-line.** 6. ed. Setembro-novembro, 2009, p. 1-11.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: < <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf&ved=2ahUKEwjlg6yQ2N3IAhXjB9QKHfYiBwMQFjAKegQIAhAB&usg=AOvVaw3LQ3-T8mORC87YZtFOH6nV> > Acesso em: 20 de Outubro de 2019.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho:** Ensinar-e-aprender com sentido. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil:** impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem total:** uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo, Summus, 1978.

MAGALHÃES, Regina; VENDRAMINI, Annelise. **Os impactos da quarta revolução industrial.** GV executivo, v. 17, n. 1, jan/fev 2018, p. 40-43. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/gvexecutivo/article/viewFile/74093/71080> > Acesso em: 20 de Outubro de 2019.

MELO, Kátia Leal Reis de; REGO, Lúcia Lins Browne. **Inovando o ensino da ortografia na sala de aula.** n. 105, nov. 1988, p. 110-134. Disponível em: < <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/706> > Acesso em: 19 de outubro de 2019

MENDONÇA, Ida Regina Milleo de. **A função social da escola.** 2009. Disponível em: < <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www2.videolivrraria.com.br/pdfs/14793.pdf&ved=2ahUKEwjWIYHaktPiAhU2IbkGHXi9DfkQFjAAegQIAxAB&usg=AOvVaw35ydxGMh-v0m77HkIkoPvl> > Acesso em: 05 de Junho de 2019

NOVAIS, Elaine Lopes. É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário? **Linguagem & Ensino**. v. 7, n. 1, 2004, p. 15-51. Disponível em: < http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v7n1/C_Elaine2.pdf > Acesso em: 19 de Outubro de 2019.

OLIVEIRA, Willer Carlos de. **O papel do professor diante do bullying na sala de aula**. Medianeira, 2012. Disponível em: < https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4717/1/MD_EDUMTE_VII_2012_24.pdf&ved=2ahUKEwinxuOAWdriAhUAGLkGH9qBs0QFjAEegQIBxAB&usg=AOvVaw2aNYgvXbEFGVuZmms4Q3Bm > Acesso em: 08 de Julho de 2019.

PERASSO, Valéria. O que é a 4ª revolução industrial - e como ela deve afetar nossas vidas. **BBC News**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37658309>. Acesso em 15 nov. 2019.

PIOVEZAN, Nayanne Martoni; CASTRO, Nelimar Ribeiro de. Compreensão e estratégias de leitura no ensino fundamental. **Revista de Psicologia do Vetor Editora**. v. 9, n. 1, p. 53-62, jan/jun, 2008.

Poema “A triste partida”. Disponível em: https://www.google.com/search?q=a+triste+partida+helder+pinheiro&safe=off&client=ms-android-samsung&prmd=nimv&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiYvuvy8ZjhAhVjDrkGHVz5DF8Q_AUoAnoECAwQAg&biw=360&bih=512#imgsrc=UXQ3OxZfCVh4SM Acesso em: 23/03/2019

RIBEIRO, Marinalva Lopes. **A afetividade na relação educativa**. Campinas, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300012&lang=pt > Acesso em: 06 de Junho de 2019

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVEIRA, Alessandro Frederico da; SILVA, Eliane de Moura Silva; FREIRE, Morgana Lígia de Farias; CASTRO, Paula Almeida de; PEREIRA, Valmir (Orgs). **Tecnologias e Educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 389 – 421.

SILVESTRE, Magali Aparecida; VALENTE, Wagner Rodrigues. **Professores em Residência Pedagógica: Estágio para ensinar matemática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Bibiana Barbosa de; SOUZA, Mariana Barbosa de. **A importância do espaço físico escolar no ensino e na aprendizagem**. 2014 Disponível em: < <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidssp/article/view/11835> > Acesso em: 07 de Junho de 2019

SOUZA, Salete Eduardo de. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. Arq Mudi. 2007;11(Supl.2):110-4. Disponível em: <

<http://www.dma.ufv.br/downloads/MAT%20103/2015-II/slides/Rec%20Didaticos%20-%20MAT%20103%20-%202015-II.pdf> > Acesso em: 20 de Outubro de 2019.

STUMPENHORST, Josh. **A nova revolução do professor: práticas pedagógicas para uma nova geração de alunos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

Texto: Casamento na mata. Disponível em: https://www.google.com/search?client=ms-android-samsung&source=android-home&source=hp&ei=8dmwXOjPCqu65OUP-r6T0AM&q=casamento+na+mata+texto&oq=casamento+na+mata+texto&gs_l=mobile-gws-wiz-hp.3...4475.11605..12133...5.0..3.807.10941.0j4j7j7j5j5j1....2..0....1.....8..35i39j0j46i131j46j0i131j46i275j0i10j0i22i30j0i22i10i30.OnRxIZj0wdc#imgrc=v8MzOzYRmbLiWM: Acesso em: 11/04/2019

TOLEDO, Marília Barros de Almeida; TOLEDO, Mauro de Almeida. **Teoria e prática da matemática: como dois e dois**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2009.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set/dez, 2005. Disponível em: < <http://w.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3> > Acesso em: 17 de Outubro de 2019.

XAVIER, Antônio Roberto. **A importância da história oral como fonte identitária de um povo**, 2009. Disponível em: < <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-historia-oral/20853> > Acesso em: 07 de Junho de 2019

APÊNDICES

Apêndice 1 – Plano de aula: Português – Gênero do substantivo

PLANO DE AULA

Data: 04/04/2019

Tema: Classe das palavras

Turma: 5º ano

Disciplina: Português

Conteúdo: Gênero do substantivo

Duração da aula: 2 aulas

Objetivo geral

Compreender o gênero do substantivo.

Objetivos específicos

- Identificar os diferentes tipos de gênero;
- Utilizar adequadamente o gênero do substantivo;
- Diferenciar masculino e feminino;

Metodologia

Iniciaremos a aula fazendo indagações aos alunos como: “Vocês já ouviram falar em gênero do substantivo?”; “Vocês sabem o que significa?”; “O que é feminino e masculino?”. A partir das respostas, explicaremos o que significa. Em seguida, escreveremos no quadro o texto “O casamento na mata”, que refere-se à temática, logo após, iniciaremos a explicação propriamente dita, utilizando exemplos para que eles compreendam melhor. Posteriormente sentaremos com os alunos em círculo no chão e colocaremos o jogo da memória no meio. Quando os alunos olharem para o jogo deverão buscar o respectivo feminino ou masculino da imagem.

Avaliação

Se dará mediante a observação da participação dos alunos, da interação com os colegas e a interpretação/compreensão textual.

Recursos didáticos

Quadro, caneta, papel A4, jogo da memória em e.v.a.

Referências

Gênero do Substantivo. Disponível em:
<https://www.google.com/url?sa=i&source=web&cd=&ved=2ahUKEwj7uKSOycjAhUUKLkGHZQWAm8QzPwBegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fescolakids.uol.com.br%2Fportugues%2Fgenero-do-substantivo.htm&psig=AOvVaw0wNR0IKmyPz8pFMiKioTn&ust=1555090345338464>
 Acesso em: 11/04/2019

Texto: Casamento na mata. Disponível em: https://www.google.com/search?client=ms-android-samsung&source=android-home&source=hp&ei=8dmwXOjPCqu65OUP-r6T0AM&q=casamento+na+mata+texto&oq=casamento+na+mata+texto&gs_l=mobile-gws-wiz-

[hp.3...4475.11605..12133...5.0..3.807.10941.0j4j7j7j5j5j1....2..0....1.....8..35i39j0j46i131j46j0i131j46i275j0i10j0i22i30j0i22i10i30.OnRxIZj0wdc#imgrc=v8MzOzYRmbLiWM](http://3...4475.11605..12133...5.0..3.807.10941.0j4j7j7j5j5j1....2..0....1.....8..35i39j0j46i131j46j0i131j46i275j0i10j0i22i30j0i22i10i30.OnRxIZj0wdc#imgrc=v8MzOzYRmbLiWM): Acesso em: 11/04/2019

Apêndice 2 – Plano de aula: Matemática – Divisão

PLANO DE AULA

Data: 09/04/2019

Tema: Operações matemáticas

Turma: 5º ano

Disciplina: Matemática

Conteúdo: Divisão

Duração da aula: 2 aulas

Objetivo geral

Compreender a divisão matemática.

Objetivos específicos

- Identificar a estrutura do algoritmo;
- Resolver situações problemas.

Metodologia

Iniciamos a aula escrevendo no quadro um pequeno texto sobre a divisão e exemplos de divisão, exata e divisão não exata. Após a explicação, faremos um sorteio onde cada aluno pegara um papel, contendo uma situação problema e irá resolvê-la. Essa resolução será feita em uma cartolina, na qual cada aluno irá fazer a conta.

Avaliação

Se dará mediante a observação da participação dos alunos, da interação com os colegas e a interpretação/compreensão textual.

Recursos didáticos

Quadro, caneta, papel A4, cartolina e E.V.A.

Referências

Divisão. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/matematica/o-resto-divisao.htm>
Acesso em: 06/04/2019

Apêndice 3 – Plano de aula: História – Os imigrantes

PLANO DE AULA

Data: 02/05/2019

Tema: Imigração

Turma: 5º ano

Disciplina: História

Conteúdo: Os imigrantes

Duração da aula: 2 aulas

Objetivo geral

Compreender o processo de imigração.

Objetivos específicos

- Conceituar emigrante e imigrante;
- Conhecer os motivos que impulsionaram os imigrantes a saírem de seus países de origem;
- Compreender que o Brasil é um país formado por diferentes povos;
- Identificar os traços culturais dos imigrantes e o reflexo dessa cultura na formação da sociedade brasileira.

Metodologia

Iniciaremos a aula com a leitura do texto “A triste partida”, de Patativa do Assaré. Através de uma roda de conversa com os alunos, faremos perguntas como por exemplo: “O texto fala sobre o quê?”; “O que vocês entenderam do texto?”. A partir das respostas, explicaremos o que é imigrante e emigrante e iniciaremos a explicação do tema, sempre fazendo perguntas para que os alunos interajam e possam tirar as eventuais dúvidas.

Após a explicação, copiaremos no quadro um pequeno resumo sobre os imigrantes e, em seguida, os alunos farão uma atividade referente à temática. Posteriormente, será corrigida coletivamente.

Após a atividades, levaremos algumas palavras de objetos, comidas, etc que tiveram influências dos imigrantes na sociedade brasileira, para os alunos identificarem apenas as influências dos imigrantes para a região Nordeste e colarem na cartolina.

Avaliação

Se dará mediante a observação da participação dos alunos, da interação com os colegas.

Recursos didáticos

Quadro, cartolina, cola, nome de palavras.

Referências

Poema “A triste partida”. Disponível em: https://www.google.com/search?q=a+triste+partida+helder+pinheiro&safe=off&client=ms-android-samsung&prmd=nimv&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiYvuvy8ZjhAhVjDrkGHVz5DF8Q_AUoAnoECAwQA&biw=360&bih=512#imgrc=UXQ3OxZfCVh4SM

Acesso em: 23/03/2019

História da imigração no Brasil. Disponível em: <https://m.historiado brasil.net/imigracao/>
Acesso em: 23/03/2019

Etnias no Brasil. Disponível em: <https://m.mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/as-etnias-no-brasil.htm> Acesso em: 23/03/2019

Diversidade Cultural no Brasil. Disponível em:
<https://m.mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/diversidade-cultural-no-brasil.htm> Acesso em: 23/03/2019

Apêndice 4 – Plano de aula: História – Dia do trabalho

PLANO DE AULA

Data: 02/05/2019

Tema: Data comemorativa

Turma: 5º ano

Disciplina: História

Conteúdo: Dia do trabalho

Duração da aula: 2 aulas

Objetivo geral

Compreender como surgiu o dia 1º de maio (Dia do trabalho)

Objetivos específicos

- Conhecer a história do dia do trabalho;
- Refletir sobre a importância das profissões;
- Identificar quais profissões estão presentes na sociedade contemporânea;
- Estimular a oralidade
- Entender que a exploração infantil está presente na sociedade.

Metodologia

Iniciaremos a aula com um texto sobre a história do dia do trabalho e a partir dele, explicaremos como se deu esse dia. A partir das indagações dos alunos, iremos esclarecer as dúvidas que forem surgindo. Em seguida, colocaremos um documentário sobre a exploração infantil e a após assistirmos, faremos indagações como: "Qual o assunto do documentário?"; "O que vocês entenderam?". Refletiremos sobre o que os alunos observaram na reportagem.

Avaliação

Se dará mediante a observação da participação dos alunos, da interação com os colegas e da interpretação/compreensão textual.

Recursos didáticos

Quadro, caneta, retroprojektor.

Referências

Dia do trabalho. Disponível em: https://www.google.com/search?q=atividades+dia+do+trabalho+5+ano&tbm=isch&ved=2ahUKEwi1rMCKtfrhAhW2ELkGHbumA-0Q2-cCegQIABAB&oq=atividades+dia+do+trabalho+5+ano&gs_l=mobile-gws-wiz-img.3..0.826.1963..2426...0.0..0.318.1294.0j3j2j1.....0....1.....0i8i30. YxJKV_ybJ0&ei=QpzJXLWDCLah5OUPu82O6A4&bih=520&biw=360&client=ms-android-samsung&prmd=inv&safe=off#imgsrc=LGFNiTQJO4xvbM&imgdii=CYVvFvmrCJeWrM
Acesso em: 30/04/2019

Poema sobre a importância das profissões. Disponível em: <https://pin.it/3f3bggeowbnkbg>
Acesso em: 30/04/2019

Exploração infantil. Disponível em:
<https://www.google.com/amp/s/escolakids.uol.com.br/amp/geografia/trabalho-infantil.htm>
Acesso em: 01/05/2019

ANEXOS

Foto 1 – Corredor de entrada



(Fonte: Acervo pessoal – 2019)

Foto 2 – Corredor de algumas salas



(Fonte: Acervo pessoal – 2019)

Foto 3 – Corredor da sala do 5º ano



(Fonte: Acervo pessoal – 2019)

Foto 4 – Sala de informática inutilizada



(Fonte: Acervo pessoal – 2019)

Foto 4 – Sala de aula do 5º ano



(Fonte: Acervo pessoal – 2019)

Foto 5 – Sala de aula do 5º ano



(Fonte: Acervo pessoal – 2019)